

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

PRISCILA PEREIRA SILVA FERREIRA

**AVALIAR PARA PROMOVER – AS SETAS DO CAMINHO:
UMA ANÁLISE DO MÉTODO AVALIATIVO NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA
REDE PÚBLICA**

**Delmiro Gouveia – AL
2018**

PRISCILA PEREIRA SILVA FERREIRA

**AVALIAR PARA PROMOVER – AS SETAS DO CAMINHO:
UMA ANÁLISE DO MÉTODO AVALIATIVO NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA
REDE PÚBLICA**

Monografia apresentada pela discente Priscila Pereira Silva Ferreira ao Curso de Licenciatura em Geografia, da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão, como requisito para a obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Roberval Felipe Pereira de Lima

Coorientador: Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida

**Delmiro Gouveia - AL
2018**

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Larissa Carla dos Prazeres Leobino – CRB-4 2169

F383a Ferreira, Priscila Pereira Silva

Avaliar para promover – as setas do caminho : uma análise do método avaliativo no ensino da Geografia na rede pública / Priscila Pereira Silva Ferreira. – 2018.

79 f. : il.

Orientação: Roberval Felipe Pereira de Lima.

Coorientação: Ricardo Santos de Almeida.

Monografia (Licenciatura em Geografia) –

Universidade Federal de Alagoas. Curso de Geografia.

Delmiro Gouveia, 2018.

1. Geografia – estudo e ensino. 2. Avaliação. I. Título.

CDU: 91:37.091.2

FOLHA DE APROVAÇÃO

AUTOR(A): **PRISCILA PEREIRA SILVA FERREIRA**

AVALIAR PARA PROMOVER – AS SETAS DO CAMINHO: UMA ANÁLISE DO MÉTODO AVALIATIVO NO ENSINO DA GEOGRAFIA NA REDE PÚBLICA - Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas – UFAL Campus do Sertão.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Curso de Geografia Licenciatura da Universidade Federal de Alagoas e aprovado em 17 de outubro de 2018.

Banca Examinadora:

Orientador(a)

1º Examinador(a)

Orientador



Prof. Dr. Roberval Felipe Pereira de Lima – UFAL/Campus do Sertão

2º Examinador(a)

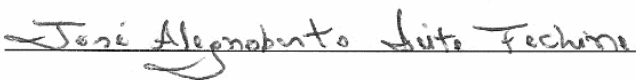
Co-Orientador



Prof. M. Sc. Ricardo Santos de Almeida – UFAL /EAD

3º Examinador(a)

Avaliador Interno



Prof. Dr. José Alegn Roberto Leite Fecine – UFAL/Campus do Sertão

Dedico aos meus pais e irmãs que a todo momento me deram forças prosseguir, e principalmente a meu filho o presente que Deus me envio para me motivar nos dias que desistir era meu maior pensamento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por sua infinita bondade que me permitiu chegar até aqui, e mesmo em meio as dificuldades me permitiu alcançar mais este sonho, que hoje se materializa.

Aos meus pais Gleudiston por todo incentivo e por todas as vezes que foi para mim um exemplo de força e inteligência, minha mãe Audenora que me ajudou na minha vida acadêmica, desde o início me dando apoio, incentivo e sendo além de minha mãe a “mãe” do meu filho quando precisei me dedicar integralmente a universidade.

As minhas irmãs que sabem o quanto foi difícil a minha caminhada, Karla que sempre me motivou e me incentivou a ir sempre além, Thays que me aturou por dias enviando fotos e arquivos do meu TCC pedindo ajuda, obrigada por serem minhas companheiras de vida. Meu cunhado Wallas pela força que sempre me deu, minha tia Gleide, seu marido Tonilson e meus primos, Nicolas e Gleyton que sempre abriram as portas de sua casa quando precisei estar em Delmiro Gouveia e por todo apoio. Tia Eva por todas as conversas e apoio, Larissa e Lorena minhas primas, que sempre me colocaram pra cima nos momentos difíceis e vibravam com minhas vitórias dentro e fora da universidade.

Ao meu filho Jann Lucas que mesmo tão pequeno foi o maior motivo para eu chegar onde cheguei, que me abraçou nas vezes que chorei sobre os livros acreditando não conseguir, mesmo sem saber ele me dava forças para continuar e por fim chegar até aqui, por todo amor puro e incondicional dado a mim. Vocês, minha família a minha maior inspiração, amo vocês.

Aos meus amigos Janderson, por perguntar incessantemente por meu TCC e me dizer: “Priscila, você consegue, você tem potencial”, por me ajudar sempre que pedi, você foi essencial em meus dias de ócio, a Paulo Victor, Michel, por todos os trabalhos e apertos que passamos pra que eu pudesse estar aqui, Gabriel tão querido, sempre gentil com suas palavras motivadoras, você é incrível.

Janaina e Izorlayne, Cleyton, desde o colegial comigo me apoiando e dividindo comigo alegrias e tristezas, Pedro Tércio por toda ajuda e por todo o carinho, Sarah, Sara, Liciane, Renata, que estavam comigo a cada vitória, menor que fosse, Samira, Joyce, amigas que eu conheci em um momento difícil e que me ajudaram tanto durante essa jornada, por, Bruna, Jô, Filipe, Fábio, Alana, Vallone, Ary, Ester amigos

que sempre colaboraram desde as xerox, pegar livros na biblioteca aos conselhos quando eu estava perdida, vocês foram e são muito importantes, Giselma que foi fundamental nessa reta final, que participou de cada fase dessa minha conclusão. A você João Lucas que foi dentro e fora da universidade mais que um amigo, que jamais me deixou só, que dentro da universidade acreditou em mim como poucos, por não me deixar desistir, obrigada por toda reciprocidade.

A você Ricardo Santos de Almeida por sua orientação, que sempre entendeu minha situação e acreditou em minha capacidade me deixando livre pra fazer as coisas da minha maneira, que foi mais que meu professor, é um grande amigo, você é um exemplo como pessoa e como profissional. Aos professores Évio, Andrezza, Ricardo Pereira, Ana Rísia, Lêonidas, grandes profissionais que contribuíram não apenas com a decisão da minha temática, mas em toda minha jornada acadêmica, obrigado por me mostrar o que é ser um professor de geografia, e dividir não só comigo, mas com todos no campus independente do curso, o conhecimento que possuem.

E por fim não menos importante agradeço a MIM, pois só eu sei as dificuldades que passei e quantas vezes chorei e me disse: Não importa o tamanho do seu sonho, acredite-se! Pode parecer engraçado eu me agradecer, mas acreditar-se é o primeiro passo para a vitória e eu não desisti.

A todos vocês e aos demais que não citei nominalmente meus sinceros agradecimentos, eu levarei todos vocês comigo, em meu coração e lembranças, que esses agradecimentos não sejam despedidas, e sim um até breve, e lembrem-se essa conquista não é minha, ela é nossa.

“[...] Até aqui nos ajudou o Senhor.”
(1 Samuel 7:12)

RESUMO

O presente trabalho traz uma abordagem sobre o método avaliativo com base na obra *Avaliar para promover: as setas do caminho* de Jussara Hoffmann, trazendo indagações do que são as setas do caminho, de como se dá o processo de produção de conhecimento e também o processo avaliativo, desde sua elaboração até a sua aplicação dentro da sala de aula. Durante o decorrer deste trabalho foram utilizados outros autores e fontes que tratam de avaliação reafirmando cada ponto deste trabalho. Observou-se através desse trabalho a importância da utilização de um método avaliativo eficaz, e que isto só é possível se o mesmo for bem elaborado e pensado para os alunos não apenas de forma coletiva, observando cada um e suas particularidades.

Palavras-chave: Avaliação; Aluno; Docente; Ensino.

ABSTRACT

The present work brings an approach on the evaluation method based on the work Evaluate to promote: the arrows of the way of Jussara Hoffmann, bringing inquiries of what are the arrows of the way, of how the process of knowledge production takes place and also the evaluation process, from its elaboration to its application within the classroom, during the course of this work were used other authors and sources that deal with evaluation reaffirming each point of this work. It was observed through this work the importance of using an effective evaluative method, and that this is only possible if it is well elaborated and thought for the students not only collectively, observing each one and its peculiarities.

Keywords: Appraisal; Student; Teacher; Education.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.1. OBJETIVO	19
1.2. METODOLOGIA	20
2. EDUCAÇÃO: ENSINO, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM.....	23
3. O QUE É, PARA QUE SERVE A AVALIAÇÃO.....	29
3.1. Os Instrumentos e Métodos Utilizados na Avaliação Dentro do Âmbito Escolar	35
4. PORQUE, PARA QUÊ E COMO AVALIAR.....	39
4.1 Cenário docente: Integração entre a teoria e a prática	43
5. ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ENSINO COM BASE NO LIVRO AVALIAR PARA PROMOVER – AS SETAS DO CAMINHO	46
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	79
7. REFERÊNCIAS.....	81

1. INTRODUÇÃO

O que pensar quando nos referimos a método avaliativo? Qual a sua importância para a aprendizagem e o ensino em Geografia? A pesquisa a seguir elucidada problematizará o que vem a ser a análise do método avaliativo, elemento que motivou a realização deste estudo, a partir da leitura e a interpretação dos escritos de Jussara Hoffmann: “Avaliar para promover: as setas do caminho”. O referido texto apresenta um diálogo a respeito das “setas do caminho” na área de educação com ênfase ao processo avaliativo. Dividido em cinco capítulos este estudo com ênfase na Geografia expressa claramente a visão da autora acerca dos processos avaliativos e da posição dos docentes perante dificuldades, metodologia, e matérias de auxílio para elaboração do processo avaliativo.

Esta pesquisa objetiva-se por compreender os rebatimentos do método avaliativo em Geografia buscando também analisar como o ensino da Geografia pode ser dinamizado aliando teoria e prática utilizando-se de novos instrumentos pedagógicos e como essas diversas ferramentas de ensino promovem êxito na explanação dos conteúdos, conceitos e temas necessários à práxis educacional. Contudo, apontaremos as principais dificuldades decorrentes da inclusão de ferramentas pedagógicas alternativas na Geografia escolar e como superá-las.

No livro “Avaliar para promover: as setas do caminho” (ver imagem 1) Jussara Hoffmann enfatiza que o papel do professor é agir através de análises, criando ou recriando novas alternativas pedagógicas para o processo avaliativo buscando sobretudo a interação. Contudo, analisaremos os caminhos (planejamento, elaboração) que estão para percorrer e despertar o interesse dos alunos e gerar um bom rendimento nas avaliações.

Diversas são as ferramentas que podem ser utilizadas como auxílio ao ensino, tais como: a inserção de jogos, dinâmicas, e também o uso do turismo tendo como base uma proposta de turismo pedagógico, onde o aluno aprende através desses roteiros turísticos. Esse método ainda não é muito explorado no que diz respeito ao ensino público, mas pouco a pouco vem ganhando espaço.

Com os avanços técnicos-científico-informacionais-comunicacionais do período no qual estamos vivendo é necessário que a educação, o ensino e a aprendizagem avancem da mesma forma compreendendo que o método avaliativo é

muito importante não apenas para verificar o nível de aprendizagem, mas para nortear a vida escolar do aluno, que se refletirá em aspectos intelectuais em sua vida social. Desse modo, defende-se a importância de pesquisas sobre o método avaliativo, e principalmente de como este ocorre na disciplina de Geografia. Se faz necessário valorizar estudos de novos autores que tratam da importância da utilização das aulas práticas e de campo no ensino da Geografia, e como elas contribuem para o processo de aprendizagem do aluno. Com isso, percebo o foco que a comunidade científica vem dando a novos instrumentos de dinamização do conteúdo escolar.

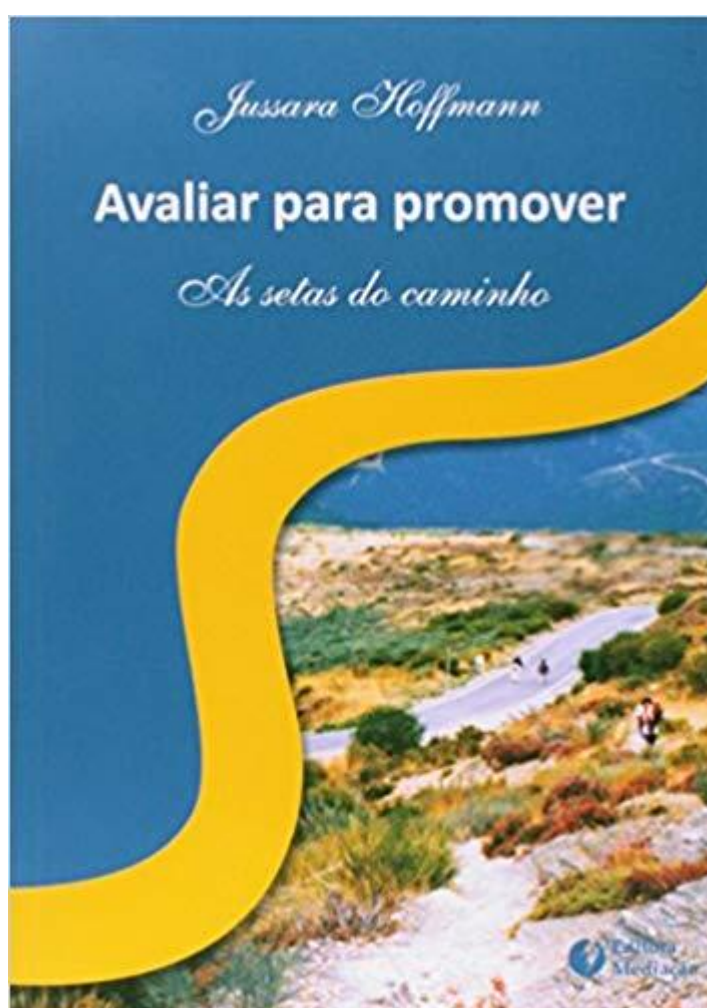


Imagem 1. Capa do livro “Avaliar para promover: as setas do caminho”

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A Geografia em suas múltiplas áreas tem muito a ser estudado, e estudá-la ajuda o aluno a compreender seu dia-a-dia e pensar sobre variados acontecimentos com uma visão geográfica. Quando os professores desenvolvem métodos avaliativos

que permitem aos alunos aprender de diversas formas, os professores passam a ter um leque maior para explorar a Geografia e tornar o ensino cada vez melhor.

É de grande importância compreender que as mudanças no método de avaliação estão diretamente relacionadas à finalidade do próprio processo avaliativo, ou seja, devemos atentar para as mudanças no método de avaliar para que o mesmo se torne mais eficaz. A avaliação deve ter como sentido não somente informações estatísticas, mas sim que também se utilize de programas que resultem em benefícios à instituição de ensino, ao avaliador e ao avaliado. Logo, o principal desafio do educador contemporâneo consiste no ato de criar novas alternativas pedagógicas inclusivas que permitam o conhecimento de cada um dos educandos.

A pesquisa baseia-se em hipóteses que serão testadas no cotidiano escolar para tornar verdadeiras tais suposições, que método avaliativo é utilizado nas escolas da rede pública no ensino de Geografia? Qual a dificuldade de desenvolver outros métodos avaliativos? Essas e outras questões serão respondidas ao longo da produção da pesquisa.

Com base na fala de Hoffmann em *Avaliar para Promover: o papel do docente* é agir através de análise, criando ou recriando novas alternativas pedagógicas, para o processo avaliativo, buscando sobre tudo a interação, a autora critica o método de aplicar prova de recuperação, pois, para ela isso é um retrocesso para o aluno, e que os estudos dever ser paralelos à educação. Auxiliar na evolução do aluno, buscar novos métodos pedagógicos, produzir atividades paralelas e fixa-las a sua metodologia, propor desafios gradativos, é o que deve ser feito pelo educador.

Se avalia o aluno antes mesmo de entrar numa sala de aula para iniciar um ano letivo. Isto porque o planejamento dos primeiros passos pressupõe concepções acerca do que seria adequado propor ou desenvolver com uma turma de alunos em termos de sua faixa etária, realidade sociocultural, possibilidades cognitivas, etc. O professor, a *priori*, pressupõe possibilidades e interesses da turma, assim como toma, por referência, suas próprias expectativas, o currículo definido pela escola, os recursos didáticos disponíveis, o tempo previsto para a execução do seu planejamento. (HOFFMANN, 2008, p. 85).

Os processos avaliativos tendem a se modificar em todo mundo e é preciso compreender que direção às formas de avaliação educacional deve tomar e qual seu significado ético para a contribuição para a sociedade. Faz-se necessária a análise da base que fundamenta o processo avaliativo, mas a avaliação por meios burocráticos ainda continua presente na sociedade e nas escolas não é diferente, pois há exigência

do sistema educativo em atribuir para cada aluno na sala de aula o seu valor por meio de uma nota e assim segregando e separando cada aluno tanto na escola como em sua vida fora do campo escolar. O futuro dos estudantes está totalmente vinculado aos *modus operandi* das avaliações realizadas na escola, sendo crucial para sua vida pessoal e também profissional.

Há na rede pública uma dificuldade no que diz respeito ao método avaliativo aplicado, pois os professores da rede pública de ensino são norteados a utilizarem métodos de ensino avaliativos com intuítos meramente quantitativistas. A Geografia utiliza-se de saberes multidisciplinares e permite uma flexibilidade no *modus operandi* do ensinar. A muita quantidade de alunos por turma dificulta a realização de um ensino satisfatório viabilizando aos professores a utilização de métodos decorativos para que os conteúdos da Geografia sejam ensinados, por quê? Entender porque a Geografia que é ensinada nas escolas públicas é uma Geografia onde os alunos decoram o conteúdo ao invés de absorvê-lo.

O ensino de Geografia está além da sala de aula, se faz necessária uma avaliação que vá também além da sala de aula, explorar lugares, e métodos torna cada vez mais eficaz o aprendizado dos alunos, independente da série que está cursando.

O tempo do aluno que precisa ser, sobretudo, respeitado é o tempo de aprender e o tempo de ser e não o tempo "de aprender determinado conteúdo". Acompanhá-lo, passo a passo, exige conhecê-lo enquanto sujeito, protagonista de sua história, produtor do seu conhecimento. (HOFFMANN, 2008, p.51).

A Geografia é muito importante para o crescimento do intelecto do aluno. Entender qual o objeto de estudo da Geografia, os impactos da ação do homem sobre a natureza e como a natureza reage a essas ações, ter noção de sua localização geográfica e espacial, compreender como se dá o processo de urbanização e o crescimento da população mundial, dentre outros aspectos abordados torna o aluno um ser mais crítico e consciente sobre seu papel dentro da sociedade.

Como apresentado anteriormente Hoffmann traz indagações valiosas para o ensino e aprendizagem e trata da importância do uso de novas formas de ministrar conteúdos escolares é um dos pontos chaves para a investigação deste estudo, pois entendemos que só desta forma se torna eficaz o ensino de Geografia.

Este estudo objetiva-se por contribuir para o aprimoramento do processo avaliativo no ensino de Geografia na rede pública de ensino, disponibilizando para a comunidade escolar uma visão menos tradicionalista do método avaliativo, mas para que a pesquisa seja bem elaborada a metodologia é muito importante e por isso o método de pesquisa escolhido foi um método qualitativo, hipotético-dedutivo, que é a construção de suposições que são baseadas nas hipóteses, ou seja, se as hipóteses forem verdadeiras as suposições também se validarão.

O tema foi escolhido após reler o livro “Avaliar para promover: as setas do caminho” utilizado em uma disciplina do 4º período do curso de Geografia na Universidade Federal de Alagoas, que despertou uma curiosidade sobre métodos avaliativos e como este pode auxiliar ao ensino da Geografia.

É possível perceber que o ensino de Geografia nas escolas públicas está defasado. Não é errado utilizar metodologias tradicionalistas, porém faz-se necessário o uso de metodologias mais ativas e outras ferramentas de ensino para melhorar a qualidade do Ensino de Geografia dentro das escolas.

É preciso entender a situação vivida pelos professores dentro da sala de aula e qual a dificuldade das escolas públicas para que novas metodologias e métodos sejam inseridos no processo de aprendizagem.

Utilizar-se apenas do livro didático para ensinar Geografia limita as possibilidades da forma de ensino, o livro deve estar associado a outras ferramentas que servirão para facilitar o ensino e aprendizagem, apresentar uma forma mais dinâmica, associar à internet as aulas tornando-a aliada do ensino, fazer aulas de campo, podem trazer mais aproveitamento da aula, mas, vemos que não é tão fácil quanto na prática.

Em se tratando de ensino vemos que as crianças e jovens não se portam mais como antes, a atenção é algo que é necessário está sempre buscando, é necessário buscar formas diversas de ensino para tornar ainda maior a produção de conhecimento.

Com isso é pertinente citar a tecnologia podemos e o período técnico científico informacional que é considerado uma teoria chave que nos permite compreender os fenômenos contemporâneos, que envolvem as questões econômicas, sociais, políticas, e também a formação do espaço geográfico.

A união entre ciência e técnica que, a partir dos anos 70, havia transformado o território brasileiro revigora-se com os novos e portentosos recursos da informação, a partir do período da globalização e sob a égide do mercado. E o mercado, graças exatamente à ciência, à técnica e à informação, torna-se um mercado global. O território ganha novos conteúdos e impõe novos comportamentos, graças às enormes possibilidades da produção e, sobretudo, da circulação dos insumos, dos produtos, do dinheiro, das ideias. (SANTOS, 2006, p. 52).

Milton Santos ao tratar de meio técnico-científico-informacional trabalha com a formação do espaço geográfico natural, ou seja, para que o autor construísse essa teoria entendeu o processo pelo qual o homem interfere nas relações da natureza. Por exemplo, as plantas seguem seu ciclo natural, porém isso passa a mudar, sobretudo na revolução industrial, na primeira fase que aconteceu em meados do século XVIII, onde a agricultura sofre mudanças por meio da técnica, através da utilização de máquinas, pelas escolhas das sementes para o plantio.

As técnicas que antes eram utilizadas passam por uma modernização e essas técnicas potencializam a produção agrícola, e em seguida avançam para indústria, os modos de produção industrial que também avançam e que ganham uma “nova roupagem” como traz Milton Santos em seu livro “O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI”. Ou seja, os meios de produção passam a se basear na técnica, onde o ser humano transforma o meio segundo suas necessidades, onde criam métodos cada vez mais eficientes para aumentar a produção e diminuir o tempo em que as coisas são produzidas.

É a difusão por pontos e manchas de um novo meio geográfico, caracterizado pelos seus conteúdos de técnica, ciência e informação. Muda a composição técnica das áreas rurais ajuda, ao mesmo tempo, a sua composição orgânica graças às novas químicas e às biotecnologias. É no período atual que o homem realiza o seu antigo anseio de inventar a natureza. (SANTOS, 2006, p. 87).

Os avanços continuam com a segunda e terceira revolução com a introdução da ciência relacionada a técnica, onde ambas se juntam para atender as demandas do mercado. E por fim, a expressão informacional que se relaciona às tecnologias, em que os meios de comunicações, por exemplo, a expansão de determinadas informações que quando associadas a técnica e a ciência contribuem para a expansão do capital.

Com base no que foi dito pode-se observar qual a importância do uso de novas ferramentas para que seja eficaz o ensino da Geografia. Desse modo, enfatiza-se que ensinar Geografia é de suma importância, pois através da Geografia o ser humano pode-se tornar um ser crítico e social sabendo quais são os impactos de suas ações tanto na natureza quanto dentro da sociedade.

Este trabalho encontra-se estruturado da seguinte forma:

O primeiro capítulo destinou-se a discutir o processo de produção de conhecimento e a relação professor-aluno. O segundo capítulo abordou o que é e para que serve a avaliação, trazendo o professor como mediador entre a avaliação e o aluno e quais instrumentos utilizados para avaliar. O terceiro capítulo expôs uma análise sobre a necessidade de avaliar e porque avaliar. O quarto e último capítulo traz uma proposta de ensino baseada no livro apresentando exemplos reais e pessoais, para em seguida apresentar as considerações finais.

1.1. OBJETIVO

- Produzir uma pesquisa sobre o método avaliativo, que é um assunto muito importante dentro do âmbito da educação, tendo como base o livro da autora Jussara Hoffmann, *Avaliar para Promover: as setas do caminho*, que trata de maneira clara e objetiva a avaliação.

1.2. METODOLOGIA

A pesquisa será teórica e prática e ou seja, possui embasamento em teorias que abordam a temática avaliação que é base para toda prática vivenciada para a produção do trabalho. A fase prática se deu ao longo da graduação em que pude avaliar o cotidiano escolar através das disciplinas de Estágios Supervisionados e as que envolvem a temática analisada. Além disso, enfatiza-se a prática do estágio remunerado – IEL (Instituto Euvaldo Lodi), a parte prática contou com atividades diversas dispostas no corpo do trabalho, proposta de ensino, e planos de aula que foram utilizados na realidade escolar, tendo como base fundamental o livro de Hoffmann.

Após a organização de todo o inventário de experiências ao longo deste tempo iniciou-se o segundo passo: a produção textual com ênfase no referencial teórico e nos dados coletados durante o período de graduação, desse modo será utilizado o método de pesquisa-ação pois o mesmo se encaixa no modelo de pesquisa que será realizado.

Utilizar a pesquisa-ação como metodologia de pesquisa faz com que haja uma interação entre o pesquisador e o objeto de pesquisa, vai além de analisar e fazer uma crítica sobre a temática escolhida, participar, vivenciar o dia-a-dia do aluno no ensino da geografia, utilizar-se de entrevistas e relatos de professores e alunos, apresentar uma alternativa para o ensino faz-se necessário.

Pesquisa-ação é uma forma de investigação baseada em uma autorreflexão coletiva empreendida pelos participantes de um grupo social de maneira a melhorar a racionalidade e a justiça de suas próprias práticas sociais e educacionais, como também o seu entendimento dessas práticas e de situações onde essas práticas acontecem. A abordagem é de uma pesquisa-ação apenas quando ela é colaborativa...” (KEMMIS; MC TAGGART, 1988, *apud* ELIA; SAMPAIO, 2001, p. 248).

Utilizando este modelo de pesquisa é possível analisar de forma satisfatória e produtiva o objeto de estudo deste trabalho, que vem a ser a avaliação, aplicado no ensino de geografia.

A metodologia utilizada neste estudo foi de revisão bibliográfica, baseada na leitura do Avaliar para promover: as setas do caminho, assim como na análise de artigos livros e periódicos disponibilizados na internet, referentes à obra em estudo.

Sendo assim terá como base fundamental o texto da autora Jussara Hoffmann *As Setas do Caminho*. Dividido em cinco capítulos o texto expressa claramente sua opinião, acerca dos processos avaliativos e da posição dos docentes perante dificuldades, metodologia, e matérias de auxílio para elaboração do processo avaliativo. Sendo eles: 1. Rumos da avaliação neste século; 2. Outra Concepção de Tempo em Avaliação; 3. As Múltiplas Dimensões do Olhar Avaliativo; 4. Avaliação e Mediação; 5. Registros em Avaliação Mediadora. O livro será a base e terá apoio de algumas obras que confirmam a ideia central do texto, o material será utilizado em contraponto a realidade, fazendo assim uma análise comparativa, como já foi dito antes através de uma pesquisa utilizando também o método hipotético-dedutivo.

O primeiro capítulo denominado como rumos da avaliação neste século, a autora traz a discussão a respeito, do papel da escola na sociedade contemporânea nas últimas décadas, diz que o mesmo vem sendo questionado dentro de vários âmbitos sociais e políticos. Buscando entender o que é aprender nesses novos tempos, estudiosos da área da educação apontam a necessidade em superar o viés positivista e classificatório de práticas escolares aqui no Brasil.

O segundo capítulo, sendo este “Outra Concepção de Tempo em Avaliação”, Hoffmann diz que na avaliação, o tempo sempre é um tema importante a ser debatido e já é também explorado em muitas reuniões. Existe a necessidade de reflexão dos educadores para a relação que eles estão tendo com os educandos, neste caso, a avaliação aqui tem o papel de iterar, de abrir diálogo.

Já no capítulo três que vem a ser chamado de “As Múltiplas Dimensões do Olhar Avaliativo”, a avaliação aqui não é vista em sua totalidade, não é visado o que lhe do fundamento, mas apenas uma parte específica acaba recebendo o foco, é necessário que se faça uma análise de todas as dimensões do olhar avaliativo como é sugerido pela autora enfaticamente no tema no presente capítulo.

O aluno em toda sua vida escolar percorre diversos caminhos em seu dia a dia escolar, e a avaliação de uma maneira única estipulada para toda a sala de aula, pode não ser o melhor meio para que se possa ter realmente uma noção para diferenciar cada aluno, pois nem sempre esse método utilizado chega à conclusão de o melhor ou do pior aluno da sala, pois não existe o pior ou o melhor existem maneiras diferentes de se avaliar.

O penúltimo capítulo denominada “Avaliação e Mediação” trata da metodologia de avaliação e o modo que o professor media as atividades avaliativas,

quando se desenvolve um processo mediador de avaliação, não há como prever todos os passos e tempos desse processo, pois as condições e ritmos diferenciados de aprendizagem irão lhe conferir uma dinâmica própria.

A relação pedagógica é construída através de um conjunto de percepções e representações das pessoas que convivem no espaço de aprendizagem que são eles o educador e educando, num momento específico.

E por fim o último capítulo “Registros em Avaliação Mediadora” registros em avaliação relata uma história que é vivida por educadores com os educandos. Ao acompanhar vários alunos, em diferentes momentos da aprendizagem, é preciso registrar o que se observa de significativo como um recurso de memória diante da diversidade e um “exercício de prestar atenção no processo”.

A elaboração e o uso dos instrumentos de avaliação revelam por tanto, concepções metodológicas. Evoluem com a evolução dos métodos. Assim, não aceitam mais os estudiosos em avaliação que se possa acompanhar e analisar processos de aprendizagem através de registros classificatórios, como graus numéricos, fichas de comportamento, pareceres roteirizados. Ou que se possam interpretar as ideias construídas pelos alunos apenas por provas objetivas e corrigidas por gabaritos – instrumentos classificatórios que não condizem com a complexidade do conhecimento. Os melhores instrumentos de avaliação são todas as tarefas e registros feitos pelo professor que o auxiliam a resgatar uma memória significativa do processo, permitindo uma análise abrangente do aluno. (HOFFMANN, 2008, p. 121).

No que diz respeito a educação essa é uma questão muito complexa, que possui um denso debate, porque o educador durante o processo avaliativo é quem planeja e produz a avaliação e é também quem utiliza o que foi elaborado, assim surge a indagação de que se não houver evolução por meio dele (educador), como será possível reformular o instrumento de avaliação utilizado.

2. EDUCAÇÃO: ENSINO, DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM

Tratar de avaliação e não discutir o processo de produção de conhecimento e a relação professor-aluno requer que compreendamos os processos educativos que consistem desde a formação da criança como indivíduo e dos processos no qual ela passa, permeando a contribuição da psicologia e da psicanálise para educação e abordando diferentes ideias sobre a teoria da educação e o processo de ensino e aprendizagem.

Na teoria construtivista a aprendizagem é percebida como um agente ativo e não passivo. Trata-se de um processo em que o conhecimento é construído pelo aluno e não adquirido. A construção do conhecimento é baseada em experiências pessoais e do teste contínuo das hipóteses. Cada pessoa tem uma interpretação diferente e construção de processo de produção do conhecimento, com base em experiências passadas e fatores culturais.

A aprendizagem é mais do que a assimilação de novos conhecimentos pelos alunos, é o processo pelo qual os alunos foram inseridos em um ambiente de conhecimento, no livro *Introdução à psicologia da educação: seis abordagens* podemos observar a visão de Piaget e Vygotsky, Wallon.

Piaget rejeitou a ideia de que o aprendizado é a assimilação passiva do conhecimento, em vez disso ele propôs que a aprendizagem é um processo dinâmico que compreende etapas sucessivas de adaptação à realidade, durante o qual os alunos constroem de forma ativa e constante o conhecimento, criando e testando suas próprias teorias sobre o mundo.

No capítulo V “A escola de Vygotsky”, Mello traz uma perspectiva construtivista segundo Vygotsky, onde a criança se desenvolve de forma intensa e traz diferente de Piaget a ideia de que não é possível separar a aprendizagem do contexto social, é apresentada a teoria histórico-cultural: “Uma vez que a teoria concebe todo o processo de desenvolvimento das qualidades tipicamente humanas como um processo de educação” (MELLO, 2004, p.140). Neste sentido, têm-se os estudos voltados à ZDP que nas entrelinhas significa Zona de Desenvolvimento Proximal, e foi denominada assim por Vygotsky, sendo está um nível de desenvolvimento da criança, onde ela só realiza determinadas atividades com ajuda de um mediador.

No âmbito escolar a zona de desenvolvimento próximo deve ser explorada pelo educador, que desta maneira é realizada gerando aprendizagem e desenvolvimento. Segundo Vygotsky não é o desenvolvimento que antecede e possibilita a aprendizagem, mas, ao contrário, é a aprendizagem que antecede, possibilita e impulsiona o desenvolvimento.

“O desenvolvimento deve concluir certos círculos de leis, determinadas funções devem amadurecer antes que a escola passe a lecionar determinados conhecimentos à criança. Os ciclos do desenvolvimento sempre antecedem os ciclos da aprendizagem”. (VIGOTSKI, 2004, p. 468).

O professor sendo mediador incentiva a criança a realizar atividades que necessitam de auxílio para que seja realizada, retirando a criança de sua zona de conforto. Mas um bom mediador não apenas exige que a criança realize as atividades, mas, analisa seu potencial buscando sempre um nível de aprendizagem e desenvolvimento, para que o desenvolvimento proximal se torne desenvolvimento real.

Vygotsky foi um grande nome dentro da Psicologia, com seus estudos e pesquisas desenvolveu a teoria histórico-cultural, consistindo nos estudos voltados ao ser humano que aprende e desenvolve conforme o meio em que vive, o meio é objeto de desenvolvimento. Com isto é analisado que primeiro a criança vivencia externamente as experiências, para depois internalizá-las tornando-as conhecimento.

Na área da educação ocorreu um grande avanço, pois sua teoria junta passa a mostrar o ser como um ser sócio cultural, ou seja, que necessita do outro para aprender e avançar em seu desenvolvimento, antes de sua teoria as aptidões do ser humano eram tidas como dádivas, eram dons divinos dados a cada um, mas, para Vygotsky o ser humano nasce apenas com uma potencialidade (aptidão) a de aprender potencialidades, a de desenvolver aptidões conforme evolui.

O educador tem papel mais que fundamental na evolução da criança, pois, só é capaz de ensinar algo aquele que tem domínio sobre aquele determinado assunto. O educador explora a partir desse pressuposto a ZDP (Zona de Desenvolvimento Proximal), fase onde a criança necessita de ajuda para realizar atividades, para que esse desenvolvimento proximal se torne desenvolvimento real. Assim, o educador passa a visualizar as diferenças entres os educandos e o vê como um ser único e que não deve ser comparado.

No segundo capítulo da obra intitulada Introdução à psicologia da educação: Seis abordagens: “a criança concreta, completa e contextualizada: A psicologia de Henri Wallon” podemos observar através das indagações de Nascimento (2004) como se dá o processo de construção do conhecimento da criança dentro da sociedade. A criança é objeto central do estudo enfatizando-se que nos anos iniciais que se dá a produção de conhecimentos e a avaliação deve ser um processo eficaz para que a criança avance tendo adquirido todo conhecimento possível.

Segundo Wallon, o projeto de sociedade define o projeto de educação. Para ele formar sujeitos históricos, autônomos, capazes de construir sua sociedade implicava em associar essa meta aos métodos pedagógicos, não sem se apoiar em princípios científicos relativos ao conhecimento da criança e do meio onde se desenvolve. (NASCIMENTO, 2004, p. 63).

Wallon pensa no ser humano como um ser sócio cognitivo, onde depende das relações com o meio em que vive suas pesquisas não analisam de forma linear o desenvolvimento, mas, sua teoria baseia-se na criança e nos objetos que utiliza nos meios de convivência, sendo a criança objeto do meio, assim gerado um desenvolvimento descontínuo, pois está relacionado a “rupturas e crises” (NASCIMENTO, 2004, p. 52), ele analisa a evolução psíquica.

Jamais pude dissociar o biológico do social, não porque os creia redutíveis entre si, mas porque, no homem eles me parecem tão estreitamente complementares, desde o nascimento, que é a vida psíquica só pode ser encarada tendo em vista suas relações recíprocas. (WALLON, apud WEREBE; NADELBRULFERT, 1996, p. 8).

Em sua teoria a criança não vivencia primeiramente o externo, mas o contrário, mas a atitudes da criança estão voltadas para si. As fases analisadas por ele vêm desde a gestã, fase em que a criança está no útero, até a adolescência onde o ser se difere do outro pela diferença de pensamento.

Pensando educação após a teoria de Wallon é possível analisar não apenas a criança em seu desenvolvimento e aprendizagem, mas, é notado a partir de sua teoria que esse desenvolvimento não é linear e que pode haver até um retrocesso em busca da evolução.

Wallon não acreditava em desenvolvimento contínuo, mas como Piaget ele apresenta estágios desse desenvolvimento. Assim fica mais fácil o educador acompanhar e compreender o crescimento intelectual da criança e suas implicações.

No capítulo I intitulado “a contribuição da Psicanálise à educação”: a psicanálise é afirmada como uma ciência que analisa o comportamento humano, busca decifrar a organização da mente, e curar desajustes mentais. Logo, “podemos ainda nos referir à forma do próprio tratamento psicológico, utilizando as expressões Psicoterapia, Terapia Analítica ou Psicanalítica ou simplesmente psicanálise.” (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 13).

Os acontecimentos na vida do ser humano não são influenciados apenas pelo consciente, mas também pelo inconsciente, pois é onde estão reprimidas todas as lembranças e memórias, onde podem ser externadas de modo totalitário ou não, mas sempre estão presentes no nosso cotidiano.

A personalidade do indivíduo pode ser dividida e analisada em três pontos, o primeiro é o ID, que são os Instintos Propriamente Ditos, e estão divididos em dois sendo a ação reflexa, que são impulsos automáticos, tais como espirrar e tossir reduzindo a tensão e colocando o indivíduo novamente em zona de conforto; e os processos primários que são as ações realizadas para aliviar a tensão criada pelo desejo de algo, pode-se ter como exemplo o sonho que é exatamente a busca da satisfação do desejo. Assim, o segundo ponto entra em ação que é o ego, ou seja, a busca pela satisfação do desejo, levando o indivíduo a ir à busca de algo que o satisfaça, no caso de uma pessoa faminta seria a busca do alimento para sua satisfação. Logo, Shirahige e Higa enfatizam que “para o id interessa apenas saber se uma experiência é agradável ou desagradável, já o ego quer se certificar se a experiência é falsa ou real, se tem existência externa ou não.” (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 18).

O terceiro e último ponto analisado referente à personalidade do indivíduo é o superego pode ser considerado um sensor que decide o que é certo ou errado, busca a perfeição não o prazer, representa o ideal, sendo componente social da personalidade. “Desta forma, bloqueia os impulsos do id, principalmente os de natureza sexual e agressiva, pois são os impulsos mais condenados pela sociedade quando exteriorizados”. (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 19).

Os processos mentais são divididos também em três: o Inconsciente, que é onde estão localizados os pensamentos e desejos reprimidos, mas a consciência

possui mecanismos chamados de repressão ou recalque que proíbem certos desejos como os sexuais, o id é considerado por Freud puramente inconsciente, o Consciente que é tudo que vivemos e a visão que temos do mundo, ou seja, “Um conteúdo mental para ter acesso à consciência precisa ser um acontecimento perceptível”, (SHIRAHIGE; HIGA, 2004, p. 20), e o Pré-Consciente que é o meio entre a consciência e o inconsciente, a pré-consciência seleciona o que vai ou não para a consciência, não permitindo que nenhum conteúdo passe para a consciência sem antes ser modificado.

O ID, o ego e o superego compõem a personalidade que é também formada por vários fatores, sendo eles os instintos, a distribuição da energia psíquica e os mecanismos de defesa do ego. Os instintos são os impulsos ou desejos causando uma necessidade e direcionando o indivíduo para satisfazer sua vontade; a distribuição da energia psíquica é distribuída por nossos instintos, mas essa energia é limitada fazendo com que os sistemas disputem para se tornar preponderante sobre os outros; os mecanismos de defesa do ego são a repressão que seria a expulsão de lembranças proibidas da consciência; negação, mecanismo primitivo que faz com que o indivíduo negue os fatos mesmo quando a evidências que os comprovem; formação reativa, expressão do sentimento oposto com relação à ansiedade, substituindo o ódio por amor, uma pessoa pode se tornar agressiva com relação a um colega, quando sentimento de amor não é correspondido.

A Projeção transmite para o outro inconscientemente seus medos e conflitos interiores; racionalização é quando se tenta justificar uma ação, quando o verdadeiro motivo para tal comportamento é adverso, o indivíduo cria explicações não convincentes, mas acredita nelas; fixação é um estágio do desenvolvimento da sexualidade onde o indivíduo fica preso por algum motivo em alguma de suas fases; regressão é quando o indivíduo regressa para um estágio anterior; deslocamento, o indivíduo transfere o sentimento para uma terceira pessoa ou objeto que não tem ligação com o motivo de ele estar se sentindo mal ou bem; sublimação é o mecanismo de defesa mais importante do ego utilizado pra certos impulsos conscientes.

O Comportamentalismo é um ramo da Psicologia que se concentra no estudo do comportamento observável, com a crença de que o acompanham todas as atividades humanas, de sentir uma emoção de realizar uma tarefa física, são formas de comportamento. Os comportamentalistas estão interessados no que eles podem observar quantificar e manipular, olhando para os impactos de estímulos ambientais

sobre os organismos que estudam. Estes pesquisadores trabalham com uma grande variedade de animais, incluindo seres humanos, para saber mais sobre por que eles fazem o que fazem.

De acordo com os comportamentalistas, tudo é uma forma de comportamento que ocorre em resposta a estímulos do meio ambiente. Isso inclui coisas como pensamento crítico e resolução de problemas, realização de tarefas físicas, e a experiência de emoções. Enquanto os comportamentalistas reconhecerem que os processos cognitivos estão ocorrendo e podem estar envolvidos no comportamento, eles enfatizam que esses processos ocorrem em resposta a estímulos, tornando o resultado de tais processos de uma forma de comportamento.

É possível notar que a psicanálise e o comportamentalismo tem o mesmo objeto de estudo, no caso o homem, mas a psicanálise estuda os processos da mente e as reações que causam sobre a vida do indivíduo, já o comportamentalismo estuda os processos externos do ser humano, a psicanálise estuda o inconsciente e acontecimentos passados, busca entender sua origem, já o comportamentalismo não dá muita importância às atividades mentais, estas são as principais diferenças entre o comportamentalismo e a psicanálise.

A Unidade II do livro “Temas de Filosofia” de Maria Lúcia de Arruda Aranha e Maria Elena Pires Martins, intitulado “O Conhecimento”, traz uma importante definição do que vem a ser conhecimento. Assim, as autoras apresentam conhecimento como sendo ele a relação entre um ser consciente, ou seja, um ser capaz de pensar e um objeto que será conhecido e que pode se tratar também de um objeto abstrato, desse modo o conhecimento se dá a partir da perspectiva de que o ser humano produz conhecimento de uma forma natural ao explorar objetos concretos ou abstratos.

O conhecimento se manifesta através do ato de pensar, o ser humano é cognoscente, o conhecimento a linguagem e os pensamentos associam-se, por muito tempo acreditou-se que o ato de pensar só era dado através da oralidade, ou linguagem verbal, porém o pensamento também surge de forma abstrata.

Desse modo, após observarmos como se dá o processo de desenvolvimento e aprendizagem, vejamos no próximo capítulo como se dá o processo avaliativo, como o conhecimento aqui citado está ligado intrinsecamente a avaliação.

3. O QUE É, PARA QUE SERVE A AVALIAÇÃO

A avaliação faz parte do processo de produção de conhecimento, na relação professor-aluno, onde o professor através da aplicação de atividades orais e escritas obtêm resultados sobre o desempenho dos alunos, sendo a avaliação um processo obrigatório. Para que tal processo seja eficaz se faz necessário por meio do professor uma análise do contexto da sala de aula e do comportamento dos alunos tanto de forma conjunta, quanto individual para que o processo avaliativo possa atender a necessidade de todo o corpo discente.

O papel da avaliação nos dias de hoje gera grandes discussões nos cursos, encontros, seminários e pesquisas em educação. O período colonial, imperial e republicano, contribuíram de forma marcante para a formação histórica da Educação e do Sistema Educacional do Brasil (LUCAS, 2010. p. 22).

No texto intitulado “o processo de avaliação nas aulas de Geografia” sob autoria de Gisele Zambone, publicado pela Revista Brasileira de Educação em Geografia, a autora traz uma reflexão sobre o processo avaliativo tendo como base o processo de elaboração de um trabalho realizado no PDE, que é o Programa de Desenvolvimento Educacional, da Secretaria de Educação do Paraná, esse trabalho é realizado por professores da esfera pública estadual do Paraná.

Sobre o processo de avaliação a autora diz que existem diversas maneiras em se tratando de avaliação em Geografia, traz indagações de como se deve avaliar em Geografia, faz questionamentos e indagações sobre quais instrumentos de avaliação são utilizados em Geografia, o que é avaliado, e o que explica o uso dos conteúdos e instrumentos que se avaliam.

A avaliação é a forma de se chegar a um resultado do trabalho realizado em um período, com o objetivo de observar as dificuldades do aluno e tentar melhorar o rendimento (Prof. 2 GTR); é o diagnóstico de um trabalho em conjunto: meu, dos alunos e da escola (Prof. 3 GTR); um processo contínuo que objetiva verificar o progresso do aluno e o ‘fazer pedagógico’ (Prof. 5 GTR); é a averiguação, os resultados dos conhecimentos adquiridos e conceituados por indivíduos submetidos a um conteúdo e a uma metodologia (Prof. 6 GTR); um processo do qual fazem parte vários métodos e instrumentos, cuja execução enquanto processo encontra diversos obstáculos e mesmo impedimentos, dadas as condições de trabalho dos docentes e atitudes dos alunos frente a este processo, tais como faltas, que inviabilizam a processualidade, continuidade da avaliação (Prof. 7 GTR); uma forma de verificar o conhecimento dos alunos, para avançar com os conteúdos, em alguns casos retomar, revendo a metodologia. Ao mesmo

tempo podemos observar se nossa prática diária está alcançando os objetivos que queremos atingir (Prof. 8 GTR); o momento de conhecer o aprendizado de nossos alunos, perceber o que realmente sabem e o que devemos explorar mais (Prof. 9 GTR). (ZAMBONE, 2012, p.132).

O processo de ensino-aprendizagem é composto pelo planejamento, execução do que foi planejado e pôr fim a avaliação, ZAMBONE diz que o planejamento, é esquecido após ser elaborado, em contra ponto a avaliação é algo sempre presente, algo constante, pois o professor divide o método avaliativo em etapas que vão da organização até a verificação dos resultados, sendo assim um processo que requer mais atenção.

A avaliação é citada diversas vezes na LDB (Lei de Diretrizes e Bases), referindo-se ao processo de avaliação do rendimento escolar, como sendo ela uma ferramenta que promove o aluno para a série seguinte, como também uma ferramenta de credenciamento de cursos e instituições de ensino ao que se trata de plano de carreira dos professores, deixando assim em evidencia a importância desta temática.

Quando nos perguntamos o que vem a ser avaliação a relacionamos rapidamente a aplicação de uma prova ou atividade para alguma finalidade, porém no texto “Ensino de Geografia e Avaliação: Uma Questão de Critérios”, os autores SOUZA E MURTELLE antes de tratar da avaliação no âmbito escolar nos mostra que a avaliação faz parte do nosso cotidiano.

Avaliamos e somos avaliados constantemente. Diariamente nós nos auto avaliamos e avaliamos tudo ao nosso redor, desde os serviços que nos são prestados até situações que não nos envolvem, mas está acontecendo próximo a nós. Podemos elucidar tal afirmação com exemplos simples do nosso cotidiano, nós avaliamos como o motorista do ônibus que pegamos está dirigindo, ou como o motorista do carro a frente se comporta, e logo em seguida fazemos alguma indagação mesmo que em pensamento de como seria se nós estivéssemos naquela posição, então nós nos avaliamos. Outro caso também comum é quando vamos ao supermercado e avaliamos cada funcionário, e muitas vezes este é um ato involuntário, afinal, o ato de avaliar faz parte de nós.

Quantas vezes ao dia fazemos algum tipo de avaliação? Avaliamos a roupa que vestimos, a alimentação que escolhemos, os produtos do supermercado, a conduta de outras pessoas, as condições do tempo atmosférico antes de sairmos para o trabalho, uma notícia divulgada na televisão etc. Assim como, somos constantemente avaliados pelas pessoas que nos cercam, a avaliação

acaba por se constituir uma atividade do cotidiano. A obtenção de uma função ou uma progressão profissional as pessoas são avaliadas por alguém, podendo ser utilizada para orientar ou selecionar. Esse “ato ou efeito de avaliar” apontado por Houaiss como sinônimo de avaliação e complementado como sendo a “verificação que objetiva determinar a competência, o progresso etc. de um profissional, aluno etc. (SOUZA e MUTERLLE, 2011, p.3863 *apud* HOUAISS, 2009, p. 227).

A avaliação no que diz respeito à educação consiste em um processo diferente que requer atenção e planejamento, pois o ambiente escolar é diverso, e cada aluno, cada indivíduo possui suas particularidades, porém não é assim que ocorre, muitas vezes o processo avaliativo é pensado para o coletivo sem pensar no individual, pode parecer contraditório. Observando-se a nossa realidade não é possível que um professor consiga produzir avaliações individuais considerando-se as atuais demandas as quais são submetidos no ambiente escolar, mas é possível que ele observe as dificuldades dos alunos e produza uma avaliação que possa contemplar o modo em que cada um irá se desenvolver durante a avaliação.

A avaliação muitas vezes é como citada diversas vezes ao longo deste trabalho como apenas uma tarefa que deve ser cumprida pelo aluno para que ele chegue a fase seguinte, ao invés de ser utilizado para diagnosticar as deficiências no processo de ensino e aprendizagem, tornando assim eficaz o processo avaliativo.

Ainda se tratando da LDB a avaliação, é considerada um aspecto obrigatório, podemos observar essa indagação no artigo 24 da LDB, como sendo a “verificação do rendimento escolar”, onde a avaliação do aluno é um processo contínuo e cumulativo, onde os aspectos qualitativos são predominantes sob os quantitativos, ou seja, dá-se mais importância a forma na qual o aluno se expressa sobre o conteúdo durante a avaliação, do que o quantitativo de questões que ele conseguiu responder durante a avaliação, são além das avaliações e possíveis provas finais, também obrigatória a recuperação ou também conhecida como reavaliação em casos onde há um baixo rendimento escolar.

Art.24. V– a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos;" (LDB, 1996).

O primeiro capítulo do livro de Hoffmann denominado "Rumos da avaliação neste século", a autora traz a discussão a respeito, do papel da escola na sociedade contemporânea nas últimas décadas o papel da escola vem sendo questionado dentro de vários âmbitos sociais e políticos.

"Nova consciência começa a surgir: o homem, confrontado de todos os lados às incertezas, é levado em nova aventura. É preciso aprender a enfrentar a incerteza, já que vivemos em uma época de mudanças em que os valores são ambivalentes, em que tudo é ligado." (HOFFMANN, 2008, p. 15, apud MORIN, 2000, p.84).

Buscando entender o que é aprender nesses novos tempos, estudiosos da área da educação apontam a necessidade em superar o viés positivista e classificatório de práticas escolares aqui no Brasil. Os processos avaliativos tendem a se modificar em todo mundo e é preciso compreender que direção às formas de avaliação educacional devem tomar e qual seu significado ético para a contribuição para a sociedade.

É importante compreender que as mudanças no processo de avaliação estão diretamente relacionadas à finalidade do próprio processo avaliativo, uma avaliação a serviço da ação tem como objetivo desenvolver uma ação educativa que aperfeiçoe a aprendizagem. A avaliação de um curso deve ter como sentido não somente informações estatísticas, mas sim de programas que resulte-se em benefícios à instituição de ensino avaliada. O desafio do educador contemporâneo é criar novas alternativas pedagógicas inclusivas que abracem o conhecimento de cada um dos educandos.

A avaliação mediadora projeta um futuro, buscando a evolução e aprendizagem e acompanhando todas as etapas vividas pelos estudantes com propósitos que ajudem a criar novas estratégias pedagógicas, ao invés de ter simplesmente o objetivo de reunir informações para justificar uma etapa de aprendizagem.

Dentro de regimes seriados, os professores responsabilizam-se pela educação do estudante de forma isolada dentro daquela série anual, sem reconhecer o passado ou o futuro dele. O professor culpa as séries anteriores pelas dificuldades observadas nos alunos. Dessa forma, o processo de aprendizagem do estudante se dá de forma fragmentada, pois sua trajetória é avaliada isoladamente e não acompanhada pelo coletivo de educadores de determinada escola. Já em regimes não seriados, o

acompanhamento dos estudantes é contínuo, respeitando ritmos e interesses individuais, buscando uma melhor aprendizagem para os estudantes.

A grande dificuldade é a resistência a regimes não seriados por parte de alguns educadores e a efetivação de um trabalho pedagógico que dê conta da pluralidade dos estudantes, pois os educadores continuam desenvolvendo as mesmas práticas do regime seriado, presos a currículos, não sabendo lidar com educandos que não acompanham suas propostas e o ritmo da maioria.

Como alternativa para o sistema tradicional de recuperação, a própria LDB prescreve ações paralelas ao longo do ano letivo, porém, os educadores não sabem como lidar com essa situação, principalmente em turmas muito numerosas. Os estudos paralelos funcionam de forma em que o educando possa prosseguir com experiências educativas que provoquem no estudante a reflexão sobre os conceitos e noções em construção, devem ser planejados e articulados junto ao andamento dos estudos no cotidiano da sala de aula. Nesse sentido, o grande desafio do educador está em compreender a diversidade de caminhos percorridos pelos estudantes e construir uma forma de aprendizagem mais horizontal.

Art.24. V- a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

[...]

e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos (LDB, 1996).

A avaliação educacional não deve estar apenas atrelada a regras e critérios de avaliação metodológica, e sim, compreendendo a complexidade humana e orientando-se por paradigmas científicos e valores morais. Torna-se necessária interação nas práticas e metodologias de avaliação. Na avaliação não existem regras gerais, toda situação deve ser analisada dentro de seu contexto.

A educação inclusiva decorrente de programas de inclusão governamentais tem causado controvérsias, pois, a inclusão muitas vezes pode significar exclusão sempre que a avaliação tenta caráter classificatório ou parâmetros comparativos caracterizando em reprovação sem proporcionar uma educação de forma diferenciada e coerente a educandos especiais. A escola deve oferecer a cada educando uma oportunidade real de alcançar sua cidadania através de uma aprendizagem inclusiva e coerente com a pluralidade de cada estudante.

O papel do docente é agir através de análise, criando ou recriando novas alternativas pedagógicas, para o processo avaliativo, buscando sobre tudo a interação. Também neste capítulo a autora critica o método de aplicar prova de recuperação, pois, para ela isso é um retrocesso para o aluno, e que os estudos devem ser paralelos à educação. Auxiliar na evolução do aluno, buscar novos métodos pedagógicos, produzir atividades paralelas e fixá-las a sua metodologia, propor desafios gradativos, é o que deve ser feito pelo educador.

3.1. Os Instrumentos e Métodos Utilizados na Avaliação Dentro do Âmbito Escolar

É de suma importância preocupar-se com os materiais e métodos utilizados para avaliar, para que esse método obrigatório como previsto na LDB seja um método eficaz, fazendo com que o que é imposto aos professores como obrigatório, não venha a prejudicar nenhum aluno ao medir seus conhecimentos através de avaliações apenas com a finalidade de obtenção de notas.

Os capítulos três e quatro do livro de Hoffmann “Avaliar para promover: as setas do caminho” ilustra bem mais do que apenas os instrumentos e métodos que podem ser utilizados no processo avaliativo, nos traz indagações como expressam os títulos sendo eles As Múltiplas Dimensões do Olhar Avaliativo e o quarto Avaliação e Mediação.

A avaliação por meios burocráticos ainda continua presente na sociedade e nas escolas não é diferente, pois a exigência do sistema em atribuir a cada aluno na sala de aula, o seu valor por meio de uma nota e assim segregando e separando cada aluno tanto quanto na escola, como em sua vida fora do campo escolar, o futuro está totalmente ligado à avaliação do aluno na escola, sendo crucial para sua vida profissional.

A atribuição das notas aos alunos é apenas a ponta do iceberg toda a base da educação, sobre a qualidade de cada aluno tem vários outros aspectos, como a metodologia, a formação social entre outros aspectos, que cada aluno o traz consigo para dentro de uma sala de aula e conseqüentemente suas notas, seu rendimento em cada uma das disciplinas irá ser afetada.

A escola e seu corpo de professores convivem com esse sistema de avaliação em seu cotidiano, existe um conflito de opinião sobre esse tema, alguns professores questionam o fato de ter que avaliar o aluno, já outros acham que por meio do sistema avaliativo tradicional é a melhor maneira de ter um controle sobre os alunos, não existe um critério único para essa avaliação e isso gera algumas conseqüências como, por exemplo: Os pais dos alunos, quando se sentem prejudicados com uma posição de algum professor, passa automaticamente a questionar o poder de julgamento desse profissional de educação, exercendo uma pressão nesse profissional que passa a atuar com a desconfiança dos pais dos alunos.

O aluno em toda sua vida escolar percorre diversos caminhos em seu dia a dia escolar, e a avaliação de uma maneira única estipulada para toda a sala de aula, pode não ser o melhor meio para que se possa ter realmente uma noção para diferenciar cada aluno, pois nem sempre esse método utilizado chega à conclusão de o melhor ou o pior aluno da sala, pois não existe o pior ou o melhor existe maneiras diferentes de se avaliar, por exemplo: Um aluno que demonstre um bom comportamento em sala de aula, não quer dizer que ele tenha um bom rendimento em um seminário, e aquele que possa ter um comportamento não tão exemplar pode ter uma maior facilidade em se expor, perante a sala de aula e assim em todas as outras atividades avaliativas.

A definição dos objetivos para o aluno, como uma nota e assim a meta a ser atingida varia de instituição para outra, existem escolas e colégios que determinam uma média de cinco pontos, que caracterizam cinquenta por cento do conteúdo disponibilizado pelo professor, outras acham que uma nota seis, é o suficiente para aprovar o aluno e assim sessenta por cento do conteúdo também, existem outras mais rigorosas que estabelecem uma nota mínima de sete pontos para que o aluno consiga o êxito de ser aprovado naquela disciplina. No entanto, quando o aluno atinge essa meta estabelecida não quer dizer que esse tenha aprendido o correspondente a sua nota, todos os processos avaliativos a divisão das notas, são determinantes para se chegar à média, e assim nem sempre o conhecimento está relacionado à nota final desse aluno.

O processo que é vivenciado pelo educando, seus interesses, necessidades, e seus progressos são referenciais para que haja a continuidade da ação pedagógica. Será mais significativa e consistente a intervenção pedagógica do educador à medida que questiona de modo permanente sobre os alunos, buscando ampliar e completar seu entendimento dos mesmos, para que promova ação educativa necessária às situações que as aprendizagens acarretam, mais uma vez o aluno é visto como um indivíduo único.

Quando se desenvolve um processo mediador de avaliação, não há como prever todos os passos e tempos desse processo, pois as condições e ritmos diferenciados de aprendizagem irão lhe conferir uma dinâmica própria.

A visão do educador/avaliador ultrapassa a concepção de alguém que simplesmente observa se o aluno acompanhou o processo e alcançou resultados esperados, na direção de educador que propõe ações diversificadas e investiga,

justamente, o inesperado, inusitado. Alguém que provoca, questiona, confronta, exige novas e melhores soluções a cada momento.

Podemos pensar na avaliação mediadora como um processo de permanente troca de mensagens e de significados, um processo interativo, dialógico, espaço de encontro e de confronto de ideias entre educador e educando em busca de patamares qualitativamente superiores de saber.

A linguagem, para Vygotsky e Piaget, é a mediação do pensamento. Quando o aluno ouve o professor, ele interpreta a sua fala e, por meio dela, o pensamento do professor. Ao interpretar, entretanto, um novo pensamento se cria que não é mais a própria fala, nem o pensamento do professor, mas um entendimento, agora, do próprio aluno.

A dinâmica da avaliação é complexa, pois necessita ajustar-se aos percursos individuais de aprendizagem que se dão no coletivo e, portanto, em múltiplas e diferenciadas direções.

O processo avaliativo, em sua perspectiva mediadora, destina-se, assim, a acompanhar, entender, favorecer a contínua progressão do aluno em termos destas etapas: mobilização, experiência educativa e expressão do conhecimento, no sentido de favorecer a abertura do aluno a novas possibilidades. E esses percursos de aprendizagem são individuais para cada estudante e com isso, torna-se ainda mais complexa a ação avaliativa do professor.

Para o aluno ser o protagonista do seu processo de aprender, em primeiro lugar, ele deverá mobilizar-se. Para que isso aconteça, as condições criadas deverão ser significativas para ele. Portanto, embora a mobilização dependa do próprio aprendiz, as condições criadas pelos educadores poderão favorecê-la – eles serão os mediadores do desejo do aluno aprender.

Mediar à mobilização significa suscitar tal envolvimento, criando, ao mesmo tempo, perguntas mobilizadoras, experiências interativas e oportunidade de expressão do pensamento individual. Não significa exigir respostas certas, mas criar condições para a expressão das ideias individuais em construção a partir da experiência vivida.

Mediar à experiência educativa significa acompanhar o aluno em ação-reflexão-ação. Acompanha-se o aluno em processos simultâneos: de aprender (buscar novas informações), de aprender a aprender (refletir sobre procedimentos de

aprendizagem), de aprender a conviver (interagir com os outros), de aprender a ser (refletir sobre si próprio enquanto aprendiz).

A linguagem, para Vygotsky e Piaget, é a mediação do pensamento. Quando o aluno ouve o professor, ele interpreta a sua fala e, por meio dela, o pensamento do professor. Ao interpretar, entretanto, um novo pensamento se cria que não é mais a própria fala, nem o pensamento do professor, mas um entendimento, agora, do próprio aluno.

4. PORQUE, PARA QUÊ E COMO AVALIAR

Na avaliação, o tempo sempre é um tema importante a ser debatido e já é também explorado em muitas reuniões. O tempo é abordado para os professores dos três ensinios: Fundamental, Médio e Superior.

O processo avaliativo não deve estar centrado no entendimento imediato pelo aluno das noções em estudo, ou no entendimento de todos em tempos equivalentes. Essencialmente, porque não há paradas ou retrocessos nos caminhos da aprendizagem. Todos os aprendizes estarão sempre evoluindo, mas em diferentes ritmos e por caminhos singulares e únicos. O olhar do professor precisa abranger a diversidade de traça dos, provocando-os a prosseguir sempre (HOFFMANN, 2008, p. 47).

Hoffmann diz que por preceder o vestibular, e preparar o discente para o mesmo, o Ensino Médio recebe maior pressão no que se relaciona ao fato de cumprir o tempo estipulado, pois é após o ensino médio que o aluno pode então ingressar no ensino superior e no mercado de trabalho, daí então a importância em cumprir esse tempo, então isto faz com que o conteúdo planejado seja encurtado, atropelado. Fazendo com que o aprendizado se torne defasado, não excluindo os outros níveis de ensino, pois, acontece em todos.

Em questão da avaliação, se sabe que quando ela percorre junto com a mediação, a conversa e a interação deve se infiltrar na mesma direção. Na avaliação, segundo a autora, o importante não é valorizar metas e sim os caminhos que estão para percorrer e despertar o interesse dos alunos.

O conteúdo programado impede muitas vezes, o envolvimento e a satisfação dos alunos com os conteúdos. Cada discente aprende no seu tempo, deste modo parte deles não conseguem acompanhar os outros. Esta tarefa está muito longe de ser fácil. As barreiras impedem que este tipo de proposta enfatizado pela autora saia do papel em muitas vezes. O difícil não é só o ato de propor, mas sim fazer com que aqueles professores tradicionalistas apliquem, já que estão embasados no método tradicional, foram formados através de métodos muito tradicionais, e na maioria das vezes não são flexíveis. Olhar para a aprendizagem individual seria bem mais eficaz, até por que cada aluno tem um nível de aprendizagem e de evolução.

“Olhar cada aluno em seu próprio tempo e jeito de aprender e oferecer-lhe orientação e a poio pelo tempo que precisar; exige a quebra de toda essa padronização do acompanhamento do professor.” (HOFFMANN, 2008, p. 45)

Cada aluno deve trilhar um caminho único de aprendizagem, sendo acompanhado de perto. O tempo de cada um deve ser observado com bastante cuidado. E a partir do método auto avaliativo, o professor deve saber usá-lo como enriquecimento do pensamento crítico do aluno, para que ele possa ser um indivíduo que possui um pensamento crítico e não espere apenas que ele apresente resultados com relação ao material que lhe foi exposto como forma avaliativa.

Não deve ser fixado um tempo de aprendizagem fixo, a aprendizagem individual seria bem mais eficaz de acordo com Hoffmann, cada educando aprende em um tempo, e que deve ser levado em conta esse tempo que cada um necessita para absorver o conteúdo e conseguir externá-lo para que haja uma eficácia no processo avaliativo, pois não há possibilidade do professor conseguir avaliar todos os alunos individualmente e de forma geral ao mesmo tempo.

Nenhum professor possui a habilidade de acompanhar, ao mesmo tempo, todos os alunos sobre “o todo” da sua aprendizagem. Ou orientar a todos da mesma forma e na mesma direção. Ouço várias vezes professores dizerem que “avaliam seus alunos todo o tempo”. O que é impossível, onipotente. (HOFFMANN, 2008, p. 45).

Registros em avaliação são dados de uma história vivida por educadores com os educandos. Ao acompanhar vários alunos, em diferentes momentos da aprendizagem, é preciso registrar o que se observa de significativo como um recurso de memória diante da diversidade e um “exercício de prestar atenção no processo”.

As anotações do professor precisam contemplar referências significativas sobre a singularidade de cada aluno: suas estratégias de raciocínio na resolução de problemas, modos de ser e de agir em sala de aula, comentários e perguntas em diferentes momentos de aprendizagem e a sua evolução na compreensão das noções.

A elaboração e o uso dos instrumentos de avaliação revelam, portanto, através de registros classificatórios, como graus numéricos, fichas de comportamento, pareceres roteirizados, ou que se possam interpretar concepções metodológicas que evoluem com a evolução dos métodos. Assim, não aceitam mais os estudiosos em avaliação que se possa acompanhar e analisar processos de aprendizagem as ideias construídas pelo aluno apenas por provas objetivas e corrigidas por gabarito. Essa questão é bastante complexa em educação, porque o professor é, ao mesmo tempo,

quem planeja e quem se utiliza do instrumento de avaliação elaborado. E, portanto, se ele não evoluir em suas concepções, não irá reformulá-lo.

Tarefas avaliativas, numa visão mediadora, são planejadas tendo como referência principal a sua finalidade, a clareza de intenções do professor sobre o uso que fará dos seus resultados, muito mais do que embasadas em normas de elaboração. Apesar de que vemos muitas tarefas que são elaboradas pelos professores a partir de intenções pouco claras, bem como corrigidas por critérios aleatórios, vagos e comparativos.

Comumente, são usados pelo professor, nos testes, os itens objetivos e de dissertação. O item de dissertação recebe o seu nome da maneira como responde o examinado; implica uma resposta escrita cujo tamanho é variado. O termo objetivo refere-se mais ao processo de correção do que à maneira como é dada a resposta; são construídas de modo que se possa corrigi-las observando uma única palavra ou frase ou notando qual de várias respostas possíveis foi escolhida.

Ao escrever cada item, de questões objetivas, o professor deve colocar-se na posição do aluno e fazer a si mesmo as perguntas, conhecer processos vividos pelo grupo, utilizando-se da clareza acerca das noções e dos objetivos que estão sendo investigados.

A finalidade das questões de escolha única ou de lacunas é a de investigar o conhecimento de fatos específicos. Não são apropriados à análise da compreensão do aluno de conhecimentos complexos, embora, muito utilizados pelos professores. De todas as formas de itens objetivos, a mais flexível e significativa em termos da interpretação do professor é a de escolha múltipla, pois permite a análise da compreensão do estudante sobre noções complexas em várias dimensões. São mais utilizadas por professores do Ensino Médio e Ensino Superior, pois sua formulação exige grande domínio da noção investigada por quem a elabora.

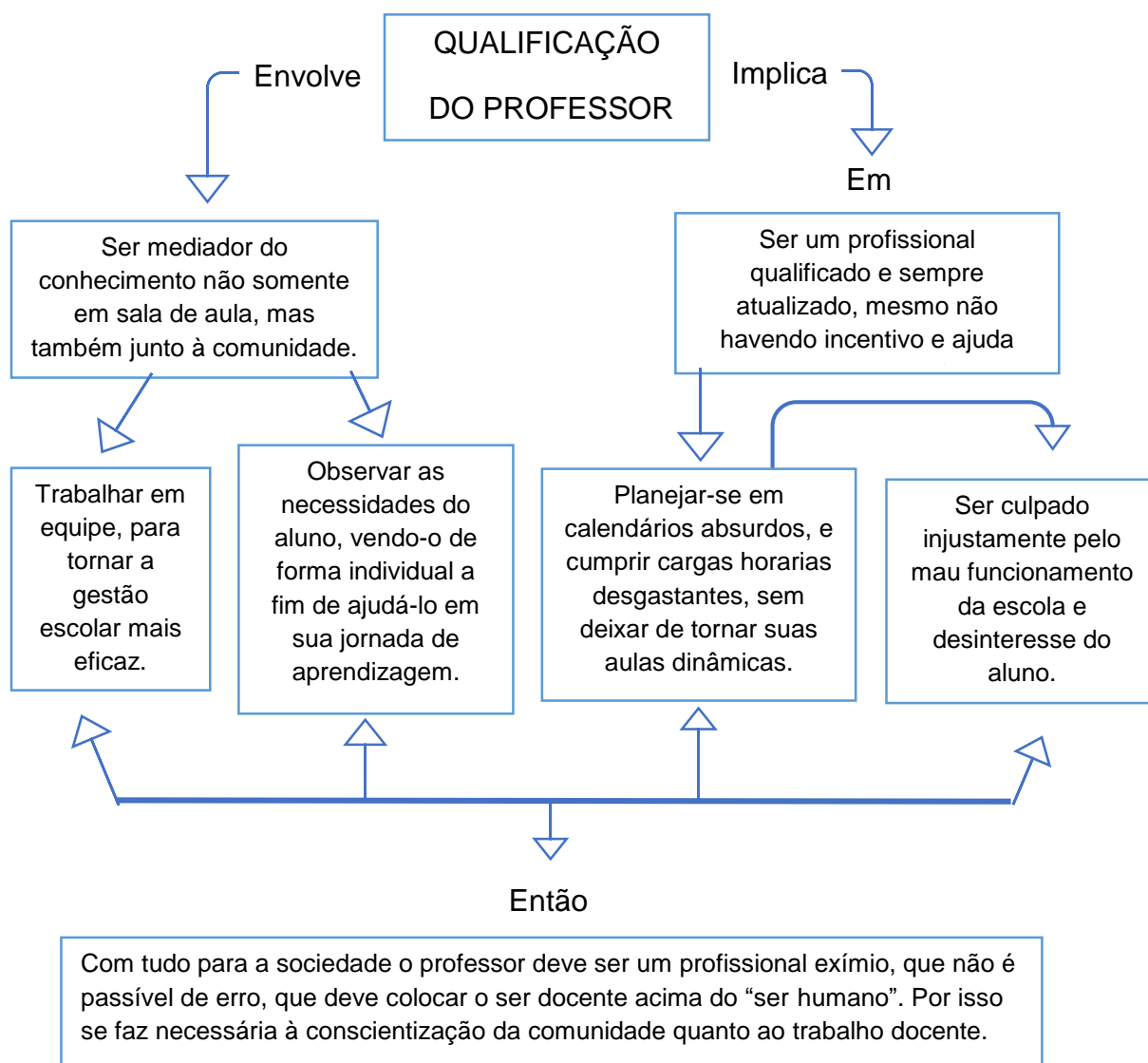
Dossiês/portfólios tornam-se instrumentos mediadores à medida que contribuem para entender o processo do aluno e apontar ao professor novos rumos. Anotações, comentários e todas as expressões de natureza qualitativa do professor contribuem para outra dimensão da comunicação entre educador e educando e entre todos os envolvidos no contexto avaliativo. O professor que não realiza tal acompanhamento, não tem elementos para configurar registros finais qualitativos e significativos. Não basta mudar a forma dos registros, é preciso dar um novo significado a prática avaliativa nas escolas.

Mudar as formas dos registros sobre as aprendizagens dos alunos não significa evoluir quanto aos processos avaliativos, porque os registros expressam ideias e concepções e estas é que precisam ser repensadas para que se alterem as práticas educacionais verdadeiramente.

Nada, em avaliação, serve como regra geral, ou vale para todas as situações, em termos de procedimentos. Por isso, precisamos construir princípios atrelados aos valores éticos e à nossa sensibilidade, que nos permitam sempre seguir na direção do que é mais justo para cada aluno, para cada professor, para cada contexto educacional.

4.1 Cenário docente: Integração entre a teoria e a prática

Se faz necessário abrir um parêntese para que vejamos uma visão do cenário docente, com base no texto de Ricardo Pereira “Escola e Participação”, porque está é uma temática de suma importância e está ligada a tudo que irá vir a seguir e que antecede esta fala, vejamos um mapa conceitual elaborado sobre o texto.



Fonte: Priscila P. Silva Ferreira, 2016.

Para que todo o processo avaliativo seja como venho citando, verdadeiramente eficaz se faz necessário sim que sejam seguidas as normas estabelecidas pela LDB (lei de diretrizes e bases da educação), para que as relações entre o docente, o discente, a escola e a comunidade melhorem, mas também é importante que hajam

por meio da comunidade escolar normas que facilitem estas relações, como carga horária máxima de trabalho, sendo esta subdividida em aulas práticas, teóricas e horas aula em aberto para que sejam realizados projetos junto à comunidade, tendo em vista sempre o processo de desenvolvimento e aprendizagem do educando.

Para colocar em ordem a gestão escolar foi aprovada em dezembro de 1996 a LDB que quer dizer lei de diretrizes e bases da educação com número de 9394/96, possuindo 92 artigos que abrangem todos os segmentos de ensino, a LDB consta em sua constituição que todos tenham direito a ensino pela rede pública, que a educação é obrigação do governo e que deve ser gerida e administrada por ele, apresenta também funções obrigatórias a serem seguidas pelos profissionais da educação.

Art. 5º O acesso à educação básica obrigatória é direito público subjetivo, podendo qualquer cidadão, grupo de cidadãos, associação comunitária, organização sindical, entidade de classe ou outra legalmente constituída e, ainda, o Ministério Público, acionar o poder público para exigi-lo. "(LDB, 1996).

Dentro do âmbito escolar além de cumprir as normas da LDB o professor tem que seguir um padrão pré-estabelecido pela instituição de ensino, como por exemplo, abdicar de suas atividades com os alunos caso haja algum evento que esteja previsto para o mesmo dia, tendo que repor esta aula em outro dia ou horário, adiantar, ou reduzir o conteúdo devido a greves, feriados prolongados entre outros fatores que afetam o fechamento do calendário escolar e o rendimento do aluno.

Com tudo na prática é exigido do docente bem mais do que lhe é proposto, é esperado que cumpram as normas da LDB, porém o Estado, a gestão escolar nem sempre cumpre o que diz a LDB, vemos não há incentivo nem por parte da comunidade, tão pouco por parte da própria gestão da escola, quando saímos da teoria nada é fácil como apresentado, até mesmo algo simples como o cumprimento da carga horária mínima estabelecida.

Projetos de prevenção a doenças, de convívio social, oficinas profissionalizantes aproximam a comunidade tornando a relação com a escola cada vez mais fácil, e os mesmos podem ser utilizados como uma forma de avaliação do aluno, conscientização a respeito do trabalho docente, onde ele venha a ser visto com um ser que também possui necessidades, mas que muitas vezes é privado delas em nome de um "bom rendimento", aqui posto entre aspas, pois nem sempre o rendimento escolar apresentado é condizente com a realidade dos alunos, acredito

que todo professor em sua jornada se deparou com isto, digo agora sobre minha experiência que chega a ser desmotivador ver a escola muitas vezes “pedir” que o professor reconsidere o seu parecer sobre um determinado aluno, para que o mesmo não venha a ter um mal rendimento, e ao mesmo tempo não permite que o professor possua flexibilidade na forma de avaliar este aluno.

Outra questão vivida pelos professores é a ausência dos pais na vida dos alunos desde os anos iniciais, muitos pais acham que a educação como um todo é obrigação da escola, e deixam de se envolver na vida escolar de seus filhos, deixando a escola o trabalho de ensinar, educar e mediar todas as relações vivida pelos discente. Quando não há um bom rendimento os pais culpam a escola pela má formação moral e social de seus filhos, Hoffmann traz uma fala que além de ilustrar essa situação, diz também que a relação dos alunos com os professores e a sua família deve ser uma relação equilibrada, onde ao invés de apontar a culpa do outro é fundamental entender o que acontece.

“É compromisso dos pais acompanhar o processo vivido pelos filhos, dialogar com a escola, assumir o que lhes é de responsabilidade. Mas é compromisso da escola compreender e assumir os compromissos e limites de cada parte. [...]” (HOFFMANN, 2008, p.33)

5. ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE ENSINO COM BASE NO LIVRO AVALIAR PARA PROMOVER – AS SETAS DO CAMINHO

Analisando o sistema precário do ensino de Geografia nas escolas públicas, fez-se necessário apresentar uma proposta de ensino elaborada com base na temática abordada, a proposta a seguir foi elaborada durante uma disciplina da graduação: Metodologia do Ensino de Geografia no 6º período da graduação, e aplicado na disciplina de Estágio Supervisionado II.

Para a aplicação na disciplina de estágio a proposta foi adaptada aos recursos da escola onde a mesma foi aplicada, pois esta não contava com recursos didáticos, porém, o método avaliativo foi considerado satisfatório, pelos docentes ministrantes das disciplinas na universidade, e também pela comunidade escolar onde a proposta foi aplicada, pois houve uma melhora no rendimento dos alunos, e uma cópia desta proposta ficou junto a escola.

A seguir dentro da proposta podem conter fragmentos dos textos acima citados, pois esta foi elaborada no ano de 2016, e foi utilizada como material de apoio para esta proposta de ensino. Por questões éticas todos os nomes de professores, alunos dentre outros serão trocados por siglas ou letras.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO

PRISCILA PEREIRA SILVA FERREIRA

PROPOSTA DE UNIDADE DE ENSINO

09 de Maio de 2015
Delmiro Gouveia – AL

PRISCILA PEREIRA SILVA FERREIRA

PROPOSTA DE UNIDADE DE ENSINO

Proposta de Unidade de Ensino realizada pela discente Priscila Pereira Silva Ferreira, para fins de aquisição de nota na disciplina do 6º período, Metodologia do Ensino de Geografia, do curso Licenciatura em Geografia.

09 de Maio de 2015
Delmiro Gouveia – AL

ESCOLA MUNICIPAL V.J.B.R.

INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO DO BRASIL
(Unidade 3)

09 de Maio de 2015
Delmiro Gouveia – AL

ESCOLA MUNICIPAL V.J.B.R.**INDUSTRIALIZAÇÃO E URBANIZAÇÃO DO BRASIL
(Unidade 3)**

Proposta de Unidade de Ensino feita por Priscila Pereira Silva Ferreira, para a Escola Municipal V.J.B.R., para o 7º ano F vespertino, na disciplina de Geografia.

09 de Maio de 2015
Delmiro Gouveia – AL

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
2. JUSTIFICATIVA	
3. OBJETIVO GERAL	
4. OBEJETIVOS ESPECÍFICOS	
5. TEMAS/CONTEÚDOS	
6. METODOLOGIA	
7. PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS	
8. RECURSOS	
9. AVALIAÇÃO	
10. BIBLIOGRAFIA	
11. ANEXOS	
11.1. Plano de Aula I	
11.2. Plano de Aula II	
11.3. Plano de Aula III	
11.4. Plano de Aula IV	
11.5. Plano de Aula V	
11.6. Plano de Aula VI	
11.7. Plano de Aula VII	
11.8. Plano de Aula VIII	

Obs.: o sumario não está enumerado como na proposta original, apenas por motivos de organização e formatação.

INTRODUÇÃO

A presente Proposta de Ensino aborda temáticas presentes no livro do Projeto Araribá de Geografia, a produção a seguir traz um modelo de Unidade de Ensino que será verdadeiramente aplicado em uma turma de 7º ano do Fundamental II, mais precisamente na turma 7º F da Escola Municipal Vereador João Bosco Ribeiro situada na cidade de Paulo Afonso – BA, pela discente Priscila Pereira Silva Ferreira, que está ministrando suas aulas de Estágio Supervisionado II nesta escola.

A seguir veremos todo o desenvolvimento de uma Proposta de Unidade de Ensino, com a temática Industrialização e Urbanização do Brasil, da unidade 3 do livro didático de Geografia do 7º ano (Fundamental II), Projeto Araribá que tem como organizadora a Editora Moderna.

O conteúdo é: Industrialização e Urbanização do Brasil, que é dividido em três temas sendo eles o primeiro: A industrialização brasileira, o segundo: A urbanização brasileira, o terceiro: Rede e hierarquia urbana.

A Introdução acima foi elaborada com base nas exigências do docente que ministrou a disciplina no ano de 2015, e também foi adaptada mais à frente no mesmo ano, segundo o docente da disciplina Estágio Supervisionado II, e a professora regente da turma onde a mesma foi aplicada.

JUSTIFICATIVA

Ensinar não é apenas transmitir conhecimento, é também o adquirir, estudar novas metodologias e propostas torna cada vez mais rica a forma de ensinar, e cada vez mais eficaz o aprendizado se essas metodologias e propostas forem bem exploradas e utilizadas.

A turma escolhida foi uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II, a turma possui 23 alunos onde a faixa etária é entre 12 e 14 anos, um dos fatores que tornaram essa turma a escolhida foi o fato de todos os alunos possuírem o livro didático, facilitando o desenvolvimento das aulas, pois para a escola é de suma importância utilizar-se do livro didático como principal ferramenta de ensino.

A entrada na escola não aconteceu no início do ano letivo, desse modo os conteúdos foram selecionados para dar seguimento ao que foi aprendido pelos alunos e não quebrar o conteúdo com a introdução de temáticas completamente diferentes, desse modo optei pela linearidade dos conteúdos.

A industrialização foi um processo marcante para o desenvolvimento mundial, e que perdura até os dias atuais, a urbanização está relacionada a esse processo, o êxodo rural, se faz necessário o entendimento tanto do processo de industrialização como do processo de urbanização para que os alunos possam vir a entender a sociedade na qual estão inseridos.

Todo o material que está disposto acima e abaixo desta fala no que se relaciona a proposta de ensino foi modificado não apenas uma vez, primeiro o original no ano de 2015 duas vezes, depois no ano de 2016 uma terceira vez, porém foi utilizado apenas o modelo, a proposta foi elaborada para o ensino médio.

Foi entregue a escola no ano de 2015, uma cópia deste material, porém com uma outra justificativa, pois está foi como dito elaborada para a disciplina. Como visto a base foi o livro didático por exigência da escola, mas, isto não me impediu de ter como base o modelo descrito por Hoffmann em seu livro “Avaliar para promover: As setas do caminho”.

OBJETIVO GERAL

Compreender o que vem a ser os processos de Industrialização e Urbanização no Brasil, entender como começou que qual sua importância para a atualidade, perceber que ocorreram grandes mudanças e avanços com esses processos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (Objetivos atitudinais)

- Compreender o processo de industrialização no Brasil, bem como as consequências da colonização, da exploração e tardio processo de urbanização;
- Reconhecer os fatores da urbanização, relacionando-os aos problemas sociais e ambientais;
- Relacionar a importância desses fatores e processos para a atualidade e os seus benefícios e malefícios.

Posso dizer com firmeza que após a elaboração destes objetivos com a supervisão do docente L., entendi como deveriam ser elaborados os objetivos de qualquer produção e como eles eram divididos, por exemplo: objetivos atitudinais, procedimentais e conceituais.

TEMAS E CONTEÚDOS

Unidade 3 – Industrialização e Urbanização do Brasil (pág. 62 a 83)

Tema 1: A industrialização brasileira:

- O início da industrialização;
- Características da industrialização brasileira;
- Concentração e desconcentração industrial.

Tema 2: A urbanização brasileira:

- População urbana no Brasil;
- Urbanização recente;
- Urbanização e Industrialização.

Tema 3: Rede e hierarquia urbana:

- Rede urbana;
- Hierarquia urbana;
- Conurbação;
- As regiões metropolitanas.

Tema 4: Problemas Sociais e Ambientais nas Cidades:

- Problemas Sociais Urbanos;
- O Espaço Público;
- Poluição Atmosférica;
- Poluição das águas;
- Poluição sonora e visual.

Os temas e conteúdos acima foram divididos com base no livro da escola, porém o método de ensino foi baseado nos conteúdos vistos em uma disciplina da universidade no ano de 2014, que vem a ser o livro utilizado como base desta monografia.

METODOLOGIA

As aulas serão expositivas tendo como foco apresentar o que é Industrialização e Urbanização do Brasil, afim de que os alunos possam assim analisar o que foi dito e chegar a uma conclusão do que seria então esses processos e qual sua importância.

Serão apresentadas dinâmicas que em algumas das aulas se inicia antes da exposição do conteúdo para que haja em seguida uma comparação do que foi vivenciado com o que será apresentado aos alunos, para facilitar a assimilação do conteúdo com a realidade.

Em outros momentos não haverá dinâmicas praticas, porém serão aplicadas atividades durante a aula e ao final dela para verificação da aprendizagem, no intuito de retirar as dúvidas que ficaram acerca do conteúdo e fixa-lo ainda mais.

A metodologia foi baseada na perspectiva de avaliação de Hoffmann em seu livro “Avaliar para promover: as setas do caminho”, onde a autora fala que o aluno tem seu próprio tempo de aprender, e que o professor precisa avaliar o aluno afim de que o mesmo consiga aprender, não apenas para fins de obtenção de notas.

Ter uma metodologia eficaz é fundamental, mas para que isso ocorra é preciso que o professor se abra a novas possibilidades e principalmente saiba admitir quando algo não está dando certo, para que possa mudar.

Está foi a metodologia na teoria, na prática, por diversas vezes precisei mudar o que havia estipulado, exatamente porque cada aluno enquanto indivíduo único nem sempre adaptava-se ao que era proposto, desse modo eu optava por algo mais simples e que se adequasse a todos, porque para mim era um momento de aprendizado, eu estava ali para ser avaliada não apenas pelo meu professor, mas também ser avaliada por mim, e também pelos alunos como professora.

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

As técnicas de ensino utilizadas foram definidas para tornarem mais eficazes as aulas, afim de culminar o processo avaliativo, cada aula apresenta o conteúdo de uma forma dinâmica diferente para que haja sempre o interesse dos alunos, utilizar a cada aula por mais simples que seja diferentes ferramentas como auxilio nas aulas.

Dinâmicas praticas fazem com que os alunos expressem de forma prática sua opinião sobre o conteúdo, e atividades de fixação durante a aula surgem como perguntas que são colocadas no quadro para a reflexão dos alunos, e atividades escritas ao final da aula permitem que seja acompanhado o processo evolutivo de aprendizagem dos alunos, facilitando a percepção de suas dificuldades.

Não há como delimitar tempos fixos para a aprendizagem, porque é um processo permanente, de natureza individual, experiência singular de cada um. Não há sentido em valorizar os pontos de chegada, porque são sempre pontos de passagem, provisórios. O importante é apontar os rumos do caminho, ajustar os passos ao esforço necessário, torná-lo tão "sedutor" a ponto de aguçar a curiosidade do aprendiz para o que está por vir. (HOFFMANN, 2008, p. 40).

Com esta fala de Hoffmann deixo claro qual foi o meu pensamento ao elaborar estes procedimentos didáticos, a proposta tornou-se para mim um desafio quando eu resolvi utiliza-la na prática, pois eu estava prestes a descobrir se este era o caminho certo a percorrer. Acredito que eu tenha alcançado meu objetivo, mais a frente irei apontando outros fatores que me levaram a esta conclusão.

RECURSOS

Os recursos didáticos são ferramentas de auxílio de suma importância para a aula, pois estes recursos ajudam a produzir a aula e apresenta-la de uma forma eficaz, mas tendo sempre em vista o melhor para o aluno.

Serão utilizados o livro didático, e paradidáticos, revistas que trazem matérias sobre os conteúdos da aula, internet, papel de diversos tamanhos, atividades impressas, quadro branco e pincel.

A escola onde a proposta foi aplicada, passava por reforma em sua estrutura física, e foi realocada provisoriamente em uma outra instituição, assim não dispunha de muitos recursos didáticos, antes de ir à escola havia colocado como recursos projetores e a TV Pendrive, porém a escola não dispunha deste material e eu adaptei as aulas aos recursos que estavam disponíveis para que não houvesse dificuldade na excussão das aulas e atividades.

Algo marcante relacionado aos recursos foi o uso do celular como uma ferramenta, eu não dispunha de computador, então utilizei meu telefone, na época um telefone que possui muitos recursos presentes em um computador devido ao fabricante, eu levava diversos materiais na memória do telefone, como textos, imagens e até mesmo as dinâmicas.

Isso gerou um espanto na regente da turma, que me procurou dizendo que não era permitido o uso de celular na escola, porém expliquei que somente o meu aparelho era utilizado, e que ele facilitava muitas atividades, e pedi que ela acompanhasse a aula e como eu o utilizava para tal finalidade. Ao final do período de estágio nesta escola a professora me disse que passaria a utilizar o telefone desta forma, pois ele era um aliado nas aulas, e que rompia algumas limitações que a escola possuía.

AVALIAÇÃO

A avaliação será processual e contínua, através de atividades escritas e atividades orais, dinâmicas e debates.

No livro *Avaliar para Promover: As Setas do Caminho* de Jussara Hoffmann. Através deste é feito diálogo a respeito das “setas do caminho” na área de educação, no processo avaliativo, a seguir há um pensamento sobre avaliação baseado na leitura dessa obra.

Faz-se necessária uma análise da base que fundamenta o processo avaliativo, mas a avaliação por meios burocráticos, ainda continua presente na sociedade e nas escolas não é diferente, a exigência do sistema em atribuir a cada aluno na sala de aula, o seu valor por meio de uma nota e assim segregando e separando cada aluno tanto quanto na escola, como em sua vida fora do campo escolar, o futuro está totalmente ligado à avaliação do aluno na escola, sendo crucial para sua vida profissional.

Quando o processo avaliativo é realizado por um profissional que se preocupa com o rendimento dos educandos, onde a uma relação proveitosa entre professor e aluno, a um diálogo constante não apenas entre educador e educando, mas quando os pais também se fazem presentes no processo de aprendizagem.

Agora fica claro o modelo de avaliação utilizado na proposta, Hoffmann é citada diretamente neste ponto, e fica claro qual meu interesse no processo avaliativo, que vem a ser a produção de conhecimento.

Avaliar é essencialmente questionar. É observar e promover experiências educativas que signifiquem provocações intelectuais significativas no sentido do desenvolvimento do aluno. Dessa forma, as perguntas mudam radicalmente de lugar e de importância no contexto escolar. Enquanto na avaliação classificatória elas ocupam o lugar de verificar, comprovar o alcance de um objetivo ao final de um estudo, de um determinado tempo – o professor ensina e depois pergunta – na visão mediadora, elas assumem o caráter permanente de mobilização, de provocação. Professores e alunos questionam-se, buscam informações pertinentes, constroem conceitos, resolvem problemas. (HOFFMANN, 2008, p. 73).

BIBLIOGRAFIA

- Livro Didático – Projeto Araribá: Geografia/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável Fernando Carlos Vedovate. – 3ª Ed. – São Paulo – SP: Moderna, 2010.
- IBGE – www.ibge.com.br
- MORAES, Ant. Carlos Robert. Geografia: Pequena Historia Critica. 20º Ed. Editora ANNABLUME, 2007
- HOFFMANN, Jussara. Avaliar para Promover: As Setas do Caminho. 11 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

ANEXOS

A seguir estão anexados a essa proposta de ensino os planos de aula referente ao conteúdo acima apresentado.

Foram colocados nos anexos da proposta os planos de aula utilizados e os modelos das atividades que foram aplicadas na sala de aula, as atividades sofreram mudanças quando a proposta saiu do âmbito da especulação e passou a ser posta em pratica.

PLANO DE AULA I (7º Ano – Fundamental II)

IDENTIFICAÇÃO

PROFESSORA: Priscila P. Silva Ferreira Tema da Aula: A industrialização brasileira: O início da industrialização. Data: 29/04/2016	DISCIPLINA: Geografia Carga Horária Semanal: 3 h/aula; Duração da aula: 50 min - 1h/aula; Carga Horária Total: 12 h/aula.
--	--

CONTEÚDO PROGÁMATICO

1. Introdução;
2. O início da industrialização:
 - 2.1 A herança da cafeicultura;
 - 2.2. As guerras mundiais e a industrialização do Brasil.

OBJETIVO GERAL

Compreender o que vem a ser os processos de Industrialização e Urbanização no Brasil, entender como começou que qual sua importância para a atualidade, perceber que ocorreram grandes mudanças e avanços com esses processos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender o que é a industrialização e como surgiu;
- Reconhecer as características da industrialização brasileira;
- Desenvolver atividade de fixação sobre a industrialização brasileira.

METODOLOGIA

<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva tendo como foco apresentar como se deu o processo de industrialização brasileira, para que os alunos possam assim analisar o que foi dito e chegar a uma conclusão do que seria então são os processos da industrialização sua importância. • Fazer a correção da atividade anterior que foi aplicada pela professora regente, para relembrar a introdução ao conteúdo que já havia sido feita. • Aplicar uma atividade para fixação do conteúdo e verificação da aprendizagem, a fim de melhorar a forma de ensino.
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro; apagador e pincel piloto; atividade escrita.
VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> • Atividade Escrita; • Debate sobre o conteúdo.
METODO DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Atividade Escrita.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Livro Didático – Projeto Araribá: Geografia/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável Fernando Carlos Vedovate. – 3ª Ed. – São Paulo – SP: Moderna, 2010. • IBGE – www.ibge.com.br

Atividade Escrita Referente ao Plano de Aula I

A atividade a seguir foi escrita no quadro, mas não foi recolhida, pois foi apenas para verificação de aprendizagem, e serviria como revisão do conteúdo para atividade avaliativa.

*Segue em anexo também na próxima página a atividade de um dos alunos da turma antes da correção coletiva.

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO

- 1- Na sua opinião o que é o processo de industrialização?
- 2- Cite um fator do processo de industrialização.

70°F

615116
S I O U S S O
I N M I V S O

Gas

Industrialização
Brasília

1. Na sua opinião o que é o processo de industrialização?
 todo o processo para algo ser industrializado.
 construir urbanizar a área rural e
 urbanizar ela

2. Cite um fator do processo de Industrialização?
 industrialização: industrializar produtos ou
 algo!! Café

ajuda porque as indústrias podem comessi-
 alizar o café ou se industrializar e vender
 com a marca!!

PLANO DE AULA II (7º Ano – Fundamental II)

IDENTIFICAÇÃO

PROFESSORA: Priscila P. Silva Ferreira Tema da Aula: A industrialização brasileira: Características da Industrialização Brasileira Data: 06/05/2016	DISCIPLINA: Geografia Carga Horária Semanal: 3 horas/aula; Duração da aula: 50min - 1h/aula; Carga Horária Total: 12h/aula
--	---

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução;
2. Características da industrialização brasileira:
 - 2.1. Industrialização tardia ou retardatária;
 - 2.2. Substituição de importações;
 - 2.3. Dependência.

OBJETIVO GERAL

Compreender o que vem a ser os processos de Industrialização e Urbanização no Brasil, entender como começou que qual sua importância para a atualidade, perceber que ocorreram grandes mudanças e avanços com esses processos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender as características da industrialização brasileira, entendendo o que vem a ser industrialização tardia ou retardatária;
- Entender como se deu a substituição de importações e a dependência relacionada a importação;
- Debater durante a aula para fixação do conteúdo para entender o que vem a ser as características da industrialização.

METODOLOGIA

<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva tendo como foco apresentar as características da industrialização para que haja entendimento sobre o que vem a ser industrialização tardia ou retardatária. • Abrir debate para fixação do conteúdo e verificação da aprendizagem, a fim de melhorar a forma de ensino.
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro; apagador e pincel piloto; atividade escrita.
VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> • Debate sobre o conteúdo.
METODO DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Debate em sala de aula.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Livro Didático – Projeto Araribá: Geografia/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável Fernando Carlos Vedovate. – 3ª Ed. – São Paulo – SP: Moderna, 2010.

No dia que este plano de aula foi aplicado fizemos uma roda de conversa e debatemos o conteúdo da aula, foi bem produtiva e a forma que foi feito foi algo novo para os alunos, eles já haviam participado de debates porém não da forma que foi organizado.

PLANO DE AULA III (7º Ano – Fundamental II)

IDENTIFICAÇÃO

PROFESSORA: Priscila P. Silva Ferreira Tema da Aula: A industrialização brasileira: Concentração e desconcentração industrial. Data: 12/05/2016	DISCIPLINA: Geografia Carga Horária Semanal: 3 horas/aula; Duração da aula: 01:40 - 2horas/aula; Carga Horária Total: 12h/aula
--	--

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução;
2. Concentração e desconcentração industrial:
3. Prioridade às rodovias.

OBJETIVO GERAL

Compreender o que vem a ser os processos de Industrialização e Urbanização no Brasil, entender como começou que qual sua importância para a atualidade, perceber que ocorreram grandes mudanças e avanços com esses processos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Refletir criticamente sobre a concentração e desconcentração industrial e a prioridade às rodovias.
- Desenvolver atividade de fixação sobre as características da industrialização brasileira e concentração e desconcentração industrial.

METODOLOGIA

- Aula expositiva tendo como foco apresentar as características da industrialização para que haja entendimento sobre o que vem a ser industrialização tardia ou retardatária.
- Aplicar uma atividade para fixação do conteúdo e verificação da aprendizagem, a fim de melhorar a forma de ensino.

RECURSOS DIDÁTICOS

<ul style="list-style-type: none"> • Quadro; apagador e pincel piloto; atividade escrita.
VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> • Atividade escrita.
METODO DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Atividade escrita.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Livro Didático – Projeto Araribá: Geografia/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável Fernando Carlos Vedovate. – 3ª Ed. – São Paulo – SP: Moderna, 2010.

Atividade Escrita Referente ao Plano de Aula III

A atividade a seguir foi escrita no quadro, mas não foi recolhida, pois foi apenas para verificação de aprendizagem, e serviria como revisão do conteúdo para atividade avaliativa.

*Segue em anexo também a atividade de alguns dos alunos da turma antes da correção coletiva.

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO
<ol style="list-style-type: none"> 1. O que gerou a expansão das ferrovias? 2. Onde estavam localizadas as principais linhas férreas? 3. O que é desconcentração industrial? 4. Aponte as duas regiões onde há maior o número de empresas industriais. 5. Aponte as duas regiões onde há menor o número de empresas industriais.

Prof - Priscila Siblla

Conteúdo: Geografia & expansão das fronteiras

Atividade

1-) O que quer a expansão das fronteiras?

Para a obtenção de matéria-prima e energia, necessários na produção industrial, e para a distribuição dos

2-) Onde estão localizados os primeiros polos? São Paulo, Rio de Janeiro.

São Paulo, Rio de Janeiro.

* Concentração & descentralização industrial.

3-) O que é descentralização industrial?

isto é, há uma tendência de distribuição dos empreendimentos industriais pelo território brasileiro.

A expansão das ferrovias

- 1- O que gerou a expansão ferroviária?
a ferrovia gerou para transportar as mercadorias de café.
- 2- Onde estavam localizadas as primeiras linhas férreas?
localizava-se na cidade de São Paulo
- 3- Concentração e desconcentração industrial.
- 4- O que é desconcentração industrial?
empresas industriais pelo território brasileiro.
- 4- Aparte as duas regiões em que há maior número de empresas industriais.
região Sul, Sudeste
- 5- Aparte também as duas regiões que há menor número de empresas industriais.
Região Norte, Centroeste

PLANO DE AULA IV (7º Ano – Fundamental II)

IDENTIFICAÇÃO

PROFESSORA: Priscila P. Silva Ferreira Tema da Aula: A urbanização brasileira: População urbana no Brasil Data: 13/05/2016	DISCIPLINA: Geografia Carga Horária Semanal: 3 horas/aula; Duração da aula: 50 min - 1 hora/aula; Carga Horária Total: 12h/aula
---	--

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Introdução;
2. População urbana no Brasil;
3. Urbanização recente;
4. Urbanização e Industrialização.

OBJETIVO GERAL

Refletir sobre o processo de urbanização no Brasil, entender o que é êxodo rural, buscar relacionar os primórdios da urbanização até os dias atuais.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (atitudinais e procedimentais)

- Compreender a urbanização brasileira;
- Refletir criticamente população urbana no Brasil;
- Participar da dinâmica sobre o conteúdo, para tornar mais eficaz o processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

- Aula expositiva sobre o processo de urbanização no Brasil;
- Abrir debate e questionamentos sobre o conteúdo;
- Desenvolver uma dinâmica, um bingo educativo para fixação do conteúdo e verificação da aprendizagem, a fim de melhorar a forma de ensino.


RECURSOS DIDÁTICOS

<ul style="list-style-type: none"> • Quadro; apagador e pincel piloto; bingo educativo.
VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> • Bingo sobre o conteúdo.
METODO DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Bingo educativo.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Livro Didático – Projeto Araribá: Geografia/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável Fernando Carlos Vedovate. – 3ª Ed. – São Paulo – SP: Moderna, 2010.

Dinâmica Referente ao Plano de Aula IV

A atividade a seguir foi desenvolvida na sala de aula, foi apenas para verificação de aprendizagem, e serviria como revisão do conteúdo para atividade avaliativa.

Cartela do Bingo:

Substituição de importações	Café	Campo
Favelas		Isenção fiscal
Poluição sonora	Concentração de poluentes	Agroexportador
Polarização	Desconcentração industrial	Conurbação

Como jogar:

Cada aluno receberá uma cartela com 11 respostas das dicas, que serão “cantadas” pelo professor, após a explicação da matéria em questão. O professor sorteará as dicas, e o aluno por sua vez verificará se está de acordo com as respostas de sua cartela. Ganha o aluno que primeiro completar corretamente a cartela. A premiação deve ser combinada entre professor e aluno. O tempo estimado para aplicação do jogo é de 2 horas/aula. Esse jogo foi aplicado para um certo conteúdo mas pode ser adaptado para diferentes temas geográficos.

- 1- Século que a atividade industrial não era tão significativa no Brasil: sec. XIX;
- 2- Produto que movimentava a economia no Brasil antes da industrialização: Café;
- 3- Estado do Sudeste em que a industrialização foi mais intensa: São Paulo;
- 4-Infra-estrutura de transporte utilizada pelas primeiras fabricas, porem pouco utilizadas atualmente: Portos e Ferrovias;
- 5- Essencial para a produção de riqueza: Capital;
- 6- Impulsionou a produção industrial no Brasil do século XX, devido à queda de produção industrial dos países envolvidos no conflito: As guerras mundiais;
- 7- Ocorreu no Brasil, cerca de 200 anos após a Revolução Industrial iniciada na Inglaterra no final do século XVIII: Industrialização Tardia;
- 8- Processo em que os produtos importados pelo Brasil começaram a ser fabricados internamente: Substituição de importações;
- 9- Fenômeno que ocorreu até a década de 90, e São Paulo era responsável pela maior produção Industrial do País: Concentração Industrial;
- 10- Atualmente a produção industrial do estado de São Paulo está caindo em relação ao País, de nome a este acontecimento: Desconcentração Industrial;
- 11- Vantagem que o Governo Estadual e municipal tem oferecido para atrair instalação de indústria: Isenção Fiscal;
- 12- Tornou uma necessidade para atender as demandas de entregas de mercadorias em locais específicos: Rodovias;
- 13- Acarreta graves problemas no sistema rodoviário: Falta de Infraestrutura;
- 14- A inauguração dessa rodovia foi um marco da transformação dos espaços pela atividade industrial: Belém- Brasília;
- 15- Coloca em risco o usuário das rodovias nacionais: Deterioração das rodovias;
- 16- Ano em que a participação da população Rural começou a mudar em relação a população urbana: 1940;

PLANO DE AULA V (7º Ano – Fundamental II)

IDENTIFICAÇÃO

PROFESSORA: Priscila P. Silva Ferreira Tema da Aula: Rede e hierarquia urbana: Rede urbana; Hierarquia urbana. Data: 19/05/2016	DISCIPLINA: Geografia Carga Horária Semanal: 3 horas/aula; Duração da aula: 01:40 - 2hora/aula; Carga Horária Total: 12h/aula.
---	--

CONTEÚDO PROGÁMATICO

1. Introdução;
2. O que é rede urbana.
3. O que é hierarquia urbana.
4. O que Conurbação, qual sua definição.
5. O que são as regiões metropolitanas

OBJETIVO GERAL

Entender o que são as redes urbanas e as hierarquias urbanas, compreender suas dinâmicas. Entender o que é conurbação; as regiões metropolitanas. Compreender o significado de conurbação e o que são as regiões metropolitanas.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS (atitudinais e procedimentais)

- Entender o que são redes urbanas e a hierarquia urbana;
- Entender o que é conurbação;
- Refletir sobre o que são as regiões metropolitanas;
- Desenvolver atividade de fixação sobre o conteúdo, para tornar mais eficaz o processo de aprendizagem.

METODOLOGIA

- Aula expositiva sobre o processo de Rede e hierarquia urbana;
- Aplicar uma atividade para fixação do conteúdo e verificação da aprendizagem, a fim de melhorar a forma de ensino.

RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro; apagador e pincel; atividade escrita.
VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> • Atividade escrita; • Debate sobre o conteúdo.
METODO DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Atividade escrita; • Debate em sala de aula.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Livro Didático – Projeto Araribá: Geografia/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável Fernando Carlos Vedovate. – 3ª Ed. – São Paulo – SP: Moderna, 2010.

Atividade Escrita Referente ao Plano de Aula V

A atividade a seguir foi escrita no quadro, mas não foi recolhida, pois foi apenas para verificação de aprendizagem, e serviria como revisão do conteúdo para atividade avaliativa.

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO
<ol style="list-style-type: none"> 1. O que é rede urbana? 2. O que é hierarquia urbana? 3. Qual a definição de conurbação, com o que ela está relacionada? 4. O que cidade, município e metrópole?

PLANO DE AULA VI (7º Ano – Fundamental II)

IDENTIFICAÇÃO	
PROFESSORA: Priscila P. Silva Ferreira Tema da Aula: Problemas Sociais e Ambientais nas cidades Data: 20/05/2016	DISCIPLINA: Geografia Carga Horária Semanal: 3 horas/aula; Duração da aula: 50min; 1h/aula; Carga Horária Total: 12h/aula
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO	
1. Introdução; 2. Problemas Sociais Urbanos; 2.1. O espaço público; 2.2. Poluição atmosférica; 2.3. Poluição das águas; 2.4. Poluição sonora e visual.	
OBJETIVO GERAL	
Compreender o que vem a ser os problemas sociais urbanos causados pela Industrialização e Urbanização no Brasil, entender o como o ser humano age sobre a natureza e como a natureza reage a suas intervenções.	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS (atitudinais e procedimentais)	
<ul style="list-style-type: none"> • Compreender as consequências da atuação no homem; • Entender os problemas sociais e quais são eles; • Refletir quais são os problemas ambientais e como contribuímos para isto; • Desenvolver atividade de fixação sobre os Problemas Sociais e Ambientais nas cidades 	
METODOLOGIA	

<ul style="list-style-type: none"> • Aula expositiva sobre os problemas ambientais e sociais, discutindo a atuação do homem sobre a natureza e as consequências de suas ações; • Aplicar uma atividade para fixação do conteúdo e verificação da aprendizagem, a fim de melhorar a forma de ensino.
RECURSOS DIDÁTICOS
<ul style="list-style-type: none"> • Quadro; apagador e pincel; atividade escrita.
VERIFICAÇÃO DE APRENDIZAGEM
<ul style="list-style-type: none"> • Atividade escrita; • Debate sobre o conteúdo.
METODO DE AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Atividade escrita; • Debate em sala de aula.
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS
<ul style="list-style-type: none"> • Livro Didático – Projeto Araribá: Geografia/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável Fernando Carlos Vedovate. – 3ª Ed. – São Paulo – SP: Moderna, 2010.

Atividade Escrita Referente ao Plano de Aula VI

A atividade a seguir foi escrita no quadro, mas não foi recolhida, pois foi apenas para verificação de aprendizagem, e serviria como revisão do conteúdo para atividade avaliativa.

ATIVIDADE DE FIXAÇÃO
<ol style="list-style-type: none"> 1. Na sua opinião o que são problemas sociais? 2. O que são problemas ambientais? Cite dois exemplos. 3. Como o homem pode melhorar sua relação com a natureza? 4. Cite três maneiras de combater a poluição os problemas sociais e ambientais.

Atividade Avaliativa

Segue em anexo a atividade avaliativa aplicada para verificação de conteúdo e aquisição de nota na disciplina de Geografia no 7º ano F.

ESCOLA MUNICIPAL VEREADOR JOÃO BOSCO RIBEIRO

DISCIPLINA: GEOGRAFIA PROF: SOCORRO SILVA DATA: ___/___/2016 VALOR: 4,0 NOTA: ___

ALUNO(A): _____ SÉRIE: 7º Ano TURMA: ___

OBS: Questões rasuradas serão anuladas e utilize caneta azul ou preta.

ATIVIDADE AVALIATIVA- II UNIDADE

SOBRE INDUSTRIALIZAÇÃO, URBANIZAÇÃO E PROBLEMAS AMBIENTAIS, RESPONDA:

1-Relacione as colunas: 0,5

(A) Capital	() Saída das pessoas do campo para a cidade
(B) Isenção Fiscal	() Pessoa que chega a um lugar para se estabelecer
(C) Agroexportador	() Dispensa do pagamento de impostos
(D) Imigrante	() O que vende produtos para outros países
(E) Êxodo rural	() Riqueza capaz de produzir renda

2- Marque X na alternativa correta:

I- Principal produto antes do Brasil se industrializar 0,5

a) Ouro b) Cana-de-açúcar c) Café d) Pau brasil e) Drogas do sertão

II- Segundo censo de 2010, qual é o percentual da população que vive nas cidades? 0,5

a) () 84% b) () 75% c) () 68% d) () 82% e) () 90%

III-São características da industrialização brasileira: 0,5

a) Retardatária, substituição por importação e Dependência

b) Tardia, tecnológica e industrializada

c) Estruturada, Recente e de base

d) Altos investimentos, petroquímicas e siderúrgicas

3- Cite as principais condições favoráveis à industrialização. 0,5

4- Que motivos atraíram as pessoas do campo para as cidades? 0,5

5- Por que se diz que as cidades não estavam preparadas para o grande crescimento populacional? E quais os principais problemas ambientais urbanos? 1,0

"Relevo os altos e baixos e sempre encontro um norte"

BOA SORTE!

O processo avaliativo deve ser constante, ou seja o professor de estar sempre avaliando os alunos, e buscando através dessas atividades de fixação entender as dificuldades de cada um deles, para que possa vir a melhorar seus métodos, como toda a proposta, as atividades também foram feitas com base nos métodos dispostos no livro de Hoffmann “Avaliar para promover: as setas do caminho”. Todo aluno é um indivíduo único que faz parte de uma dinâmica coletiva, e deve ser visto de forma singular não plural.

Quando se acompanha verdadeiramente os caminhos trilhados pelos alunos, percebe-se que não há parâmetros comparativos para experiências tão ricas e singulares. Os trajetos percorridos por cada um obedecem a ritmos e interesses diversos. Aprendem-se coisas muito diferentes, embora vivendo a mesma experiência, descobrem-se coisas inusitadas a cada passo, cada pessoa a seu tempo, embora vivendo no mesmo tempo das demais. (HOFFMANN, 2008, p. 61).

A atividade avaliativa e as atividades de fixação foram elaboradas pensando na dinâmica da turma, e algumas delas foram acrescentadas ao planejamento da professora e passaram a possuir pontuação, uma dessas foi a atividade avaliativa acima.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim se encerra a obra de Jussara Hoffmann, *Avaliar para Promover: As Setas do Caminho*, uma ótima leitura para quem quer ver de outro ponto de vista a trajetória do educador, e tudo que ele passa dentro do âmbito escolar, incluindo método de avaliação, até a relação pedagógica entre o educador e o educando.

Esta monografia traz uma avaliação da sobre o processo de avaliação escolar, baseado no livro *as setas do caminho* da autora Jussara Hoffmann, que faz uma avaliação dos métodos avaliativos que estão presentes pôr as escolas e colégios no país, analisando todo o contexto que essas instituições estão inseridas, suas precariedades a situação dos docentes nesse contexto tendo a responsabilidade de avaliar cada aluno e atribuir notas e avaliar de forma individual esses alunos, a metodologia utilizada e a elaboração de uma maneira avaliativa mais justa, fazendo com que a análise seja mais ampla para que se possa perceber as singularidades que cada aluno traz consigo.

Algumas alternativas para a avaliação estar presente no entendimento do papel da escola para a sociedade no momento atual, os questionamentos sobre os métodos que as escolas utilizam para levar o aluno ao conhecimento, o os conteúdos que são ensinados em salas de aula são impostos por um sistema tradicional da educação, enquanto novos temas surgem a cada momento e essa dinamização dos temas seria fundamental para que os alunos tenham uma visão social e ética da sociedade em que vive, mas para que essas mudanças venham a acontecer, temos que entender qual é a finalidade do atual processo de ensino que tem como principal objetivo a formação e não a formação do aluno como cidadão crítico, que possa a vim a compreender todo o meio que estar inserido.

A avaliação por meio da atribuição de notas, ela atua como mais um processo de segregação e separação social, os alunos que por diversos motivos não conseguiram aprender o conteúdo no tempo fixo estimado por a escola, terá dificuldades para seguir sua vida escolar e muitos desses alunos se desmotivam por não se sentir capaz de aprender os conteúdos que lhe são passados na sala de aula, alguns optam por a desistência do colégio e terão suas vidas profissionais bastante limitadas já que sem uma base teórica o mercado de trabalho se torna bastante estreito.

Esses são um dos motivos que causam a exclusão social, o processo de avaliação é cruel com alguns e interfere no futuro de muitos, a atribuição de notas é um carimbo de incompetência para alguns alunos, que carregarão consigo durante sua vida, porém a nota não é o que define a capacidade do aluno e sua inteligência, cada aluno tem suas especificidades que interfere no seu desenvolvimento escolar, o acompanhamento mais individual dos alunos seria uma alternativa para ter uma avaliação mais precisa, respeitando o tempo de aprendizagem de cada aluno, assim seria possível ter uma maior percepção do conhecimento deste aluno e de sua real capacidade.

7. REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Temas de Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2005.

CARRARA, Kester. **Introdução à psicologia da educação: seis abordagens**. 1 ed. São Paulo: Avercamp, 2004.

IBGE [recurso eletrônico] – www.ibge.com.br

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para Promover: As Setas do Caminho**. 11 ed. Porto Alegre: Mediação, 2009.

KEMMIS e MC TAGGART, 1988, *apud* Elia e Sampaio, p. 248. Plataforma Interativa para a Internet (PII): Uma Proposta de Pesquisa-Ação a Distância para Professores. **Anais do SBIE**. UFES, 2001.

LDB nacional [recurso eletrônico]: **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. – 11. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados.

Livro Didático – **Projeto Araribá: Geografia**/ organizadora Editora Moderna; obra coletiva concebida, desenvolvida e produzida pela Editora Moderna; editor responsável Fernando Carlos Vedovate. – 3ª Ed. – São Paulo – SP: Moderna, 2010.

LUCAS, Rosa Elan Antória. Avaliação no processo ensino/aprendizagem da Geografia. Seção Porto Alegre: **Boletim Gaúcho de Geografia** – Artigos, v. 26, n. 1, 2000.

MORAES, Ant. Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. 20º Ed. Editora ANNABLUME, 2007.

PEREIRA, Rodrigo. **Escola e Participação**. São Cristóvão: EDUFS, 2013.

ZAMBONE, GISELE. **O processo de avaliação nas aulas de geografia**. **Rev. Bras. Educ. Geog.**, Campinas, v. 2, n. 4, p. 129-149, jul./dez., 2012.